

AUTORA BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

Gena Showalter

DEMÔNIOS LIBERTADOS DA CAIXA DE PANDORA.
IMORTAIS EXILADOS PELOS DEUSES EM FÚRIA.
A BUSCA PELO ARTEFATO DA REDENÇÃO.

"Existe autora tão
maravilhosa
quanto Gena
Showalter?"

Crazy Eyes,
Orange is the New Black

O Fogo mais sombrio



Harper
Collins



Descubra em *O fogo mais sombrio* o que acontece antes de *A noite mais sombria*.

Geryon é o guardião do inferno, mais monstro do que homem. Kadence é a deusa da Opressão, mais anjo do que mulher. Juntos, atravessarão as chamas do mundo subterrâneo para lutar contra a mais perigosa horda de lordes demônios... e acabarão descobrindo uma paixão capaz de transcender os limites entre a vida e a morte.

Leia *O fogo mais sombrio*, prequel de *A noite mais sombria*, título que consagrou Gena Showalter como um dos grandes nomes do gênero fantasia!

 HarperCollins *Brasil*



Gene Showalter

**O FOGO MAIS
SOMBRIO**

Tradução de
Fabia Vitiello

 HarperCollins *Brasil*

Capítulo 1

TODOS OS DIAS, POR CENTENAS de anos, a deusa vinha visitando o inferno, e todos os dias Geryon a observava de seu posto, o desejo aquecendo seu sangue mais do que as chamas da condenação jamais haviam feito. Não deveria ter prestado atenção na deusa daquela primeira vez, mas ter mantido os olhos baixos sempre que ela aparecia. Ele era um escravo do príncipe das trevas, gerado pelo mal; ela era uma deusa criada pela luz.

Não poderia tê-la, pensou, cerrando os punhos. Não importava o quanto a desejasse. Ela não iria querê-lo. Essa... obsessão não tinha sentido e nada lhe trouxera além de desespero. Ele não precisava de mais desespero.

E, no entanto, ainda a observava naquele dia, flutuando pela caverna estéril, traçando, com ponta de dedos rosados, as pedras irregulares que separavam o mundo subterrâneo do mundo da superfície.

Cachos dourados cascadeavam por suas costas muito retas e emolduravam um rosto tão perfeito, tão adorável, que nem o da própria Afrodite poderia ser comparado a ele.

Olhos brilhantes como as estrelas se estreitaram, um tom rosa tingindo aquele rosto suave de alabastro.

– A muralha está rachada – disse ela, sua voz como uma música entre o estalido das chamas próximas e os gritos não naturais que sempre as acompanhavam.

Ele balançou a cabeça, certo de que havia apenas imaginado aquelas palavras. Em todos aqueles séculos juntos, nunca tinham falado um com o outro, nunca se desviaram de sua rotina. Como guardião do Inferno, ele assegurava que a porta permanecesse fechada até que um espírito precisasse ser jogado lá dentro. Dessa forma, nada nem ninguém escapava, e, se tentassem, ele os puniria. Como deusa da Opressão, ela tornava mais resistente aquela barreira física apenas com um toque. O silêncio entre eles nunca fora rompido.

A incerteza escureceu as feições dela.

– Você não tem nada a dizer?

Um instante depois estava bem na frente dele, que não a viu se mover. De repente, o perfume de madressilvas sobrepujou o fedor de enxofre e da carne derretendo, e ele respirou fundo, fechando os olhos em êxtase. Oh, que ela pudesse permanecer exatamente como era...

– Guardiã – disse ela.

– Deusa.

Ele forçou suas pálpebras a se abrirem de forma gradual, lentamente revelando o brilho da beleza dela. De perto, não era tão perfeita como ele imaginara. Era melhor. Um punhado de sardas pontilhava seu nariz docemente arrebitado, e covinhas se formavam com a tênue curva de seu meio-sorriso. Uma beleza primorosa.

O que ela pensaria sobre ele?, perguntou-se.

Ela provavelmente o considerava um monstro medonho e disforme. E era mesmo o que ele era. Mas, se era isso o que ela pensava, não o demonstrou. Apenas curiosidade residia naqueles olhos brilhantes. E era sobre a muralha, suspeitava, não sobre ele. Mesmo quando era humano, as mulheres não queriam saber dele. Fugiam, no instante em que ele fixava sua atenção nelas. Geryon era alto demais, corpulento demais, atrapalhado demais. E isso fora antes que se parecesse com um ogro.

Às vezes, perguntava-se se tinha sido marcado no nascimento.

– Essas rachaduras não existiam ontem – disse ela. – O que causou esse dano? E tão rapidamente?

– Uma horda de Lordes Demônios ergueu-se de seus covis e lutou para se libertar. Eles se cansaram do confinamento aqui e desejam seres humanos que possam atormentar.

Ela aceitou a novidade sem esboçar reação.

– E você tem os nomes deles?

Ele assentiu. Não precisava ver além do portão para saber quem estava do outro lado; ele intuía isso. Sempre.

– Violência, Morte, Mentiras, Dúvida, Miséria. Devo continuar?

– Não – respondeu ela suavemente. – Compreendo. O pior do que há de pior.

– Sim. Eles golpeiam e se debatem do outro lado, desesperados para alcançar o reino mortal.

– Bem, faça-os parar. – Era uma ordem, mas também uma súplica rouca.

Ah, fosse se assim...

Ele teria desistido dos últimos vestígios de sua humanidade para atender aos desejos dela. Qualquer coisa para pagar a dádiva diária de sua presença. Qualquer coisa para mantê-la exatamente onde ela estava, prolongando a doçura de seu perfume.

– Estou proibido de abandonar meu posto, assim como eu sou proibido de abrir os portões por qualquer outra razão que não seja permitir que um dos condenados entre. Temo não poder atender ao seu pedido.

Além disso, a única maneira de deter determinado tipo de demônio era a morte, e matar um Lorde Superior era outro ato proibido para ele.

Ela deixou escapar um suspiro.

– Você sempre faz o que mandam?

– Sempre.

Certa ocasião, ele havia se rebelado contra as amarras invisíveis que o subjugavam. Uma vez, mas não mais. Ao rebelar-se, provocara dor e sofrimento – não a si mesmo, mas a outros. Humanos inocentes, parecidos com sua mãe, seu pai e seus irmãos – sua mãe, assim como seu pai e irmãos, já havia sido assassinada na ocasião – foram trazidos à sua presença e torturados na frente dele. Os berros... oh, os berros! Muito piores dos que aqueles que escapavam das profundezas. E as coisas que ela vira... Geryon estremeceu.

Ele não se importaria se toda aquela dor e aquele sofrimento recaíssem sobre seus ombros. Teria rido e revidado com ainda mais vigor. O que era um pouco mais de dor? Mas Lúcifer, irmão de

Hades e príncipe das trevas, precisava dele saudável, inteiro; por isso, havia encontrado outras formas de garantir sua cooperação.

As memórias o assombrariam para sempre. Ou poderiam assombrá-lo, se ele precisasse de uma noite de sono. Mas ele permanecia acordado, todas as horas de todos os dias.

– Obediência. Eu esperava que você agisse de maneira diferente – disse ela. – Você é um guerreiro forte e confiante.

Sim, ele era um guerreiro. Mas era também um escravo. Uma coisa não anulava a outra.

– Sinto muito, deusa. Minha força e confiança não alteram os fatos.

– Eu o recompensarei se me ajudar – insistiu ela. – Diga seu preço. Tudo o que deseja será seu.

Ah, se fosse assim, pensou Geryon novamente. Ele pediria para sentir o sabor daqueles lábios, apenas uma vez.

Por que se limitar, entretanto?, perguntou-se em seguida.

Tudo o que desejasse. Poderia pedir por uma noite nos braços dela.

Nus. Acariciando-se. Saboreando um ao outro. Sim. Sim. Cada músculo em seu corpo desperto. Alerta. Em desespero.

Em desespero.

Não. Ele não podia arriscar-se a fazer com que inocentes sofressem – *por que você se preocupa com eles?* – apenas para saciar seu desejo pela adorável deusa. Assim... beijá-la? Passar a noite com ela? De novo, não.

Agora conheço a verdadeira tortura. Geryon trincou os dentes. Por que se importar com aquilo? Porque, sem o bem, haveria apenas o mal. E ele tinha testemunhado mal em demasia ao longo dos séculos. Não seria responsável por mais.

– Guardião? – chamou a deusa. – Qualquer coisa.

Capítulo 2

NÃO FALE. Não faça isso. Geryon engoliu em seco.

– Desculpe-me, deusa. – *Não. Não diga mais nada. Peça, pelo menos, por aquele beijo.* – Como lhe disse, não posso ajudá-la. – *Não, não, não.*

Como odiou a si mesmo naquele momento.

Seus ombros delicados arriaram, em uma demonstração de decepção, e seu ódio por si mesmo aumentou.

– Mas por quê? Você deseja manter os demônios dentro do inferno tanto quanto eu. Não é?

– Sim. – Geryon não queria falar sobre as razões para sua recusa; ainda se sentia envergonhado depois de todo esse tempo. No entanto, ele lhe contaria. Talvez, então, ela voltasse a agir como nos velhos tempos, fingindo que ele não existia. Como era de se esperar, o desejo por ela foi crescendo, intensificando-se, seu corpo enrijecendo. Preparando-se.

Ela não é para você.

Quantas vezes ele precisaria se lembrar de como essa conversa tinha terminado?

– Vendi minha alma – admitiu. Geryon tinha sido um dos primeiros seres humanos a andar sobre a Terra. Apesar de seu físico enorme e seus modos desastrados, tinha ficado contente com sua sorte e extasiado com sua companheira, ainda que tivesse sido escolhida por sua família e, como todas as outras mulheres que conhecia, não retribuísse seu desejo.

Um ano após o casamento, ela ficou doente, e ele se desesperou. Ela, apesar de não ter encontrado nenhuma alegria ao seu lado, pertencia a ele, e garantir a sua segurança e bem-estar era seu dever. Então, Geryon clamou aos deuses por ajuda.

Eles o ignoraram, e seu desespero tornou-se insuportável.

Foi quando Lúcifer apareceu diante dele. Tão astuto quanto alguém poderia ser.

Para salvar sua companheira – e talvez finalmente conquistá-la –, Geryon entregou-se por vontade própria ao príncipe das trevas.

E viu-se transformado de homem em besta. Chifres brotaram em sua cabeça, suas mãos se tornaram patas, e suas unhas, garras. Um tom de carmim escuro cobriu a pele de suas pernas, enquanto cascos substituíram seus pés.

Em segundos, ele se tornou mais animal do que humano.

Sua esposa foi curada, como previa seu contrato com Lúcifer, mas ela não se aproximou de Geryon. Não, seu ato altruísta não significou nada para ela, que o deixou por outro homem. Um homem com o qual ela, aparentemente, estivera envolvida durante todo o tempo.

Que tolo tinha sido. Um homem traído. Tanto esforço para nada.

– Que pensamentos encham sua cabeça, Guardiã? Você nunca pareceu tão... abalado.

A deusa. Cerrou os punhos, as garras perfurando suas palmas, enquanto voltava a encará-la. Havia compaixão no tom de voz dela, coisa que ele deveria ignorar. Nada de emoções, era assim que deveria ser. Sempre. Caso contrário, não sobreviveria por muito tempo ali.

– Minhas ações não me pertencem mais para que eu tenha controle sobre elas. Não importa o quanto deseje o contrário, não posso ajudá-la. Agora, por favor. Você não tem deveres a cumprir?

– Estou cumprindo meu dever agora. E você?

Ele corou.

– Perdoe minha impertinência. Estou cansado. – A deusa o avaliou, sua cabeça pendendo para o lado. Geryon se ajeitou, desconfortável, e tal escrutínio o enervava devido à sua aparência. Para sua surpresa, a repulsa não transpareceu naquele olhar amável quando ela perguntou:

– Sua alma pertence ao príncipe das trevas?

– Sim.

– E se sua alma voltasse a ser sua, você me ajudaria?

– Sim – repetiu Geryon, a palavra soando como um coaxar. Ela ainda lhe ofereceria uma bênção por sua ajuda?

– Muito bem. Verei o que posso fazer.

Os olhos dele se arregalaram horrorizados. Abordar Lúcifer?

– Não, você deveria...

Ela desapareceu antes que Geryon pudesse detê-la.

Nos corredores do inferno.

– LÚCIFER, OUÇA-ME BEM. Exijo falar com você. Você aparecerá diante de mim. Neste dia, nesta sala. Sozinho. Permanecerei exatamente como sou. – Kadence, a deusa da Opressão, sabia que precisava declarar seus desejos da forma correta, ou o príncipe das trevas os “interpretaria” da forma que quisesse. – E você estará vestido.

Se ela apenas exigisse uma audiência, ele poderia levá-la para sua cama, amarrar seus braços e pernas, tirar suas roupas, e uma legião de demônios estaria ao redor dela.

Vários minutos se passaram e não houve resposta à sua convocação. Mas ela já sabia que não haveria. Lúcifer se divertia em fazê-la esperar. Isso fazia com que se sentisse poderoso. *Mantenha-se ocupada. Aja como se não se importasse.*

Kadence olhou ao seu redor, como se estivesse ali somente para estudar o lugar. Em vez de pedra e cimento, as paredes do palácio de Lúcifer eram feitas de chamas. Crepitantes, em um tom alaranjado-dourado. Letais.

Seu trono era feito de ossos, cinza e mais daquelas chamas. Ao lado, ficava um altar manchado de sangue. Um corpo sem vida ainda jazia sobre ele – faltava-lhe a cabeça, que logo seria repostada, no entanto, para que a tortura pudesse recomeçar. Era assim que as coisas funcionavam ali.

Nenhuma alma escaparia. Mesmo na morte.

Ela odiava tudo sobre aquele lugar. Nuvens de fumaça negra flutuavam das chamas, enrolando-se em volta dela como dedos de condenados. Ela ansiava demais abanar a mão diante do nariz, mas não o fez. Não demonstraria fraqueza – mesmo com um gesto tão pequeno.

Se ela se atrevesse, sabia que veria a si mesma coberta por gases nocivos. E Lúcifer adorava, sobretudo, explorar vulnerabilidades.

Kadence aprendeu bem a lição. A primeira vez que visitou o lugar, tinha sido para informar, tanto a Hades como a Lúcifer, que tinha nomeado sua administradora. Como alguém que encarna a essência da subjugação e conquista, não havia ninguém melhor para garantir que os demônios e os mortos permanecessem ali.

Ou assim tinham pensado os deuses que, por isso, escolheram-na para aquela tarefa.

Kadence não tinha concordado com isso, mas recusar-se seria um convite à punição. Entretanto, muitas vezes, desde que aceitara o serviço, pensara que talvez o castigo tivesse sido melhor. Ter pedras jogadas contra ela, carcaças sangrentas deixadas à sua porta... Isso mal se comparava a passar seus dias dormindo em uma caverna próxima – não um sono verdadeiro, mas em um estado vigilante, com seus olhos da percepção vagando sobre diferentes aglomerações de demônios. Dificilmente poderia se comparar a passar suas noites examinando uma parede de rochas.

Como Geryon fazia.

Isso, no entanto, não era tão difícil.

Por muitos anos, a atenção dele a irritara, pois Geryon não era como ninguém que ela conhecera antes: metade homem, metade besta, todo... deformado. Mas então ela passou a encontrar conforto em seu olhar distante. Ele a protegia dos demônios e de almas que escapavam pelo portão, atacando todo mundo em seu caminho. Não importava o dano que isso lhe causasse.

Ela não poderia fazer menos por ele.

Vendi minha alma, ele tinha dito. Pelo quê?, ela se perguntava. O que tinha recebido em troca? Tinha considerado um bom negócio?

Queria perguntar a ele, mas lembrou-se de como ele parecera desconfortável com suas perguntas sobre a muralha. Ele não teria apreciado uma discussão sobre uma coisa tão pessoal.

E, muito provavelmente, era melhor assim. Apenas seu trabalho importava agora. Como ela não percebera antes que os Lordes Superiores estavam determinados a escapar para sempre?

Lúcifer, de alguma forma, tinha bloqueado a visão dela daquele reino? Ele era o único com poder suficiente para isso. Se assim fosse, o que ele esperava ganhar? Se ela fosse perguntar a ele, não obteria resposta, pelo muito que sabia.

Nunca se sentiu tão importante.

Não, isso não era verdade. Durante sua primeira visita, Lúcifer sentiu sua vacilação – e desde então usou cada oportunidade para alimentá-la. Um toque revestido de fogo aqui, uma assombração ali. Cada vez que ela aparecia para reportar alguma infração, sentia-se quase desfalecer sob as atenções dele.

Aquilo tinha desapontado os deuses. Eles a teriam chamado de volta para casa, ela estava certa disso, se já não a tivessem vinculado à muralha, um ato que foi pensado para ajudá-la em seus deveres, não para impedi-los. Mas nem os deuses tinham o conhecimento do quanto o vínculo se aprofundaria. Em vez de apenas sentir quando a muralha precisava de fortificação extra, Kadence percebeu que a muralha passou a ser seu motivo para viver.

Em seu sangue agora corria sua essência.

A primeira vez que os demônios tinham arranhado a muralha, ela sentira o golpe e ofegara, em choque. Agora, isso não a espantava mais, embora ainda sentisse cada contato. Quando alguma alma passava por ela, Kadence sentia cócegas. Quando as chamas do inferno a lambiam, ela sentia as queimaduras. Então, por que não sentira os últimos acontecimentos?

Ah, Kadence sentira a força sendo drenada de seu corpo, aos poucos, a dor que a atravessou sem motivo, mas suas visões foram tranquilas. Bem, tão tranquilas quanto aquele tipo de visão poderia ser, considerando o que era obrigada a testemunhar diariamente.

Agora, pelo menos, ela sabia o motivo de sentir dor. Tão ligada quanto estava ao submundo das trevas, essa rachadura na muralha externa praticamente estava matando-a.

Você está perdendo seu foco! Concentre-se! Distração poderia ter um alto custo para ela. Muito alto. E a reunião que estava para começar era mais importante do que qualquer uma que tivesse ocorrido antes.

Do lado de fora do palácio, ela pôde ouvir a risada enlouquecida dos demônios, os gemidos da tortura e o chiado da carne se desprendendo dos ossos. E o cheiro... isso era o próprio inferno!

Era difícil permanecer estoica diante de tamanha vilania.

Ainda mais agora. Os Lordes Superiores deveriam estar investindo contra a muralha há semanas. E, se aquele lado estava rachado, ela estremeceu ao pensar nos danos do lado de dentro do inferno. Ela deveria, no mínimo, ter intuído a aproximação dos demônios. Mas, de novo, suas visões permaneceram tranquilas.

Chega disso. Estava claro que ela não conseguiria se concentrar.

– Lúcifer – gritou mais uma vez. – Você ouviu minhas exigências. Agora deve atendê-las. Ou eu irei embora e você perderá essa oportunidade de barganhar.

O peso dos passos ecoou de repente, e as chamas, a vários centímetros dela, separaram-se. Finalmente. Como se estivesse apenas passeando, Lúcifer parecia tão despreocupado quanto em um dia qualquer.

– Sim, eu as ouvi – disse ele, sua voz impregnada dos mais sedosos tons. Ele até sorriu, a expressão carregada de maldade pura. – Você mencionou uma barganha? Se for assim, o que eu posso fazer por você, minha querida?

Capítulo 3

KADENCE NÃO SE PERMITIU estremecer.

Lúcifer era alto, musculoso como um guerreiro e consideravelmente sensual, apesar da fúria sombria e infernal contida em seus olhos. Mas ele não se comparava à besta que guardava seu domínio.

A besta, cujo rosto era demasiado forte para ser considerada outra coisa senão selvagem. A besta, cujo corpo enorme deveria tê-la assustado, mas só a fez sentir-se segura. A fera monstruosa, cuja aparência deveria despertar o nojo nela, mas não o fez. Em vez disso, seus olhos castanhos – olhos que ela, um dia, tinha considerado impassíveis, mas depois de hoje, via-os como mal-assombrados – cativaram-na. E, claro, a sua natureza protetora a intrigava.

Kadence nunca poderia ter se interessado pelo guardião. Deveria ter continuado a pensar que ele era como qualquer outra criatura odiada por ali, mas ele salvara a vida dela naquela primeira vez.

Infelizmente, até mesmo deusas imortais podiam ser mortas – uma perspectiva que nunca tinha ficado mais clara do que quando os portões exteriores tinham se aberto para acolher um espírito e um sequeaz fugira, encontrando sua liberdade, correndo em sua direção, com fome de carne viva.

Kadence ficou paralisada, sabendo que sua morte era iminente.

O guardião – qual era o seu nome? – interveio, aniquilando o demônio com um golpe de sua garra envenenada, antes que ele a atingisse. Ele não falou com ela depois do ocorrido, e ela não falou com ele, crendo que ele era como todas as outras criaturas naquele submundo: abalado, mas ainda não completamente perdido.

Começou a estudá-lo, no entanto. Com o tempo, ficou fascinada com suas complexidades.

Ele era um destruidor, ainda que a tivesse salvado. Ele não possuía nada, e ainda assim não tinha pedido coisa alguma em troca. Como isso era raro. Como era estranho. Como era... bem-vindo. Kadence, agora, queria fazer alguma coisa por ele. Qualquer coisa, como lhe disse. E, por um momento furtivo, pensou que queria lhe pedir um beijo. Seu olhar caiu sobre seus lábios e permaneceu lá por um tempo. Ela captou uma imensa necessidade vinda dele.

Por favor, ela quase implorou. Seus batimentos cardíacos tinham se acelerado, sua boca salivava. Que gosto ele teria? Contudo, sua expressão tinha mudado. Ele desviou o olhar e balançou a cabeça. Não.

Sua decepção quase a derrubou. Forçá-lo, porém, era algo que não faria. Ele já tinha feito muito por ela. Ainda assim, Kadence não poderia impedir-se de imaginar, ansiar... Ele tinha feito aquele favor em troca de alguma coisa? Por aquele momento furtivo, ela poderia jurar ter visto chamas ardentes em seus olhos, chamas que nada tinham a ver com maldade.

– Eu sou tão entediante que você não pode me dar sua atenção depois de ter me convocado? Duas vezes.

A pergunta a fez voltar para o presente e ela poderia ter batido em si mesma. *Você quer perder este jogo de estratégia com o príncipe das trevas?*

– Entediante? – perguntou ela, dando de ombros.

Responder que sim seria pedir a ele para exaltar-se. Dizer não seria afirmar que apreciava sua presença. Na mente dele, pelo menos. Nenhuma das respostas faria bem a ela.

Lúcifer a observava em silêncio, acomodando-se em seu trono. No mesmo instante, almas fantasmagóricas começaram a se retorcer entre os ossos e as cinzas. Uma taça incrustada de pedras se materializou já nas mãos dele, que bebeu dela.

Uma gota vermelha deslizou pelo canto de sua boca e escorreu pela camisa branca. Era sangue.

Kadence manteve sua expressão neutra, apesar da onda de repulsa que a inundou.

– Eu a enoja, mas você não demonstra – disse ele, dando outro daqueles sorrisos perversos. – Onde está a ratinha que costumava vir me visitar? Aquela que tremia e tropeçava em suas palavras? Gosto mais dela.

Kadence ergueu o queixo. Ele poderia chamá-la do que quisesse, mas ela não faria comentários.

– Suas muralhas foram comprometidas e uma horda de demônios está lutando para escapar.

O príncipe, de imediato, perdeu a aparência zombeteira.

– Você mente. Eles não ousariam fazer isso.

Sua agitação era compreensível. Sem suas legiões, ele não teria ninguém a quem governar.

– Você está certo. Esse bando de ladrões, estupradores e assassinos não ousariam desobedecer ao seu soberano.

Os olhos de Lúcifer se estreitaram em uma demonstração de raiva. Uma demonstração de raiva que ele, rapidamente, mascarou com um encolher de ombros casual.

– Então, elas estão comprometidas. O que você espera obter de mim para reparar isso?

Kadence não deveria surpreender-se. Lúcifer sempre dificultava as coisas.

– O guardião. Ele pode me ajudar a neutralizar os responsáveis. Mas, como você é dono da alma dele, ele deve obter sua permissão primeiro.

Lúcifer bufou.

– Não. Eu não a darei. Por motivo algum. Gosto dele onde está.

Sim. Difícil.

– Por quê?

– Preciso de uma razão? Pois bem. Vejamos. – Ele tamborilou os dedos no queixo. – Que tal meu último guardião ter sido vítima de mentiras de um demônio, quase permitindo que uma legião escapasse?

Seria uma mentira? O guardião dela estava ali havia tanto tempo quanto ela, então Kadence não sabia se mais alguém tinha ocupado o posto.

– Esse daí também poderia cair facilmente. – Sim, aquilo era uma mentira.

– Não. – Lúcifer balançou a cabeça. – Geryon é imune às suas mentiras.

Geryon. Finalmente. Um nome. De origem grega, significava “monstro”.

Ela não gostou dele.

Ele era mais do que sua aparência. Muito mais.

– Nada mais a dizer? – perguntou Lúcifer. – Podemos então nos despedir?

Kadence quase não pôde conter a própria língua. Era um jogo para ele? Precisava da muralha reparada tanto quanto ela. Bem, não tanto, pensou. Ao contrário dela, ele não morreria se a muralha desmoronasse. Não ainda. Sua resistência sofreria apenas um arranhão.

Com esse pensamento, ela respondeu à sua própria pergunta. Sim, isso era um jogo. Um que ela não iria tolerar.

– Eu sou sua superiora – afirmou ela. – Você irá...

– Você não é minha superiora – rosnou Lúcifer em mais uma exibição de raiva. Outra exposição que ele escondeu bem rápido. Uma única respiração, dentro e fora, e ele visivelmente se acalmou. – Você é minha... conselheira. Você vê, faz recomendações e protege, mas não manda.

Porque você é muito fraca, pensou ele, mas não disse. Mas porque não precisava. Ambos sabiam que era verdade.

Ela queria ser diferente. Forte. Desejava mesmo. E deveria ter sido. Um dia, tinha sido. Sua própria natureza era de subjugação, afinal de contas. Para outros, porém, e não para si mesma. Era assim que agia agora. Mas... por quê?

Você sabe a resposta, e deveria, por bem, esquecê-la.

Ela endireitou os ombros, percebendo que teria de jogar o jogo de Lúcifer, afinal. Não havia outra maneira. *Você consegue fazer isso. Por Geryon.*

– Acredito que me ofereci para negociar com você e que você parecia favorável. Vamos começar?

– perguntou com suavidade.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse apenas esperando a pergunta o tempo todo.

– Devemos.

Portões do Inferno

– EU NÃO ENTENDO – disse Geryon, recusando-se a deixar seu posto. Até mesmo cruzou os braços sobre seu peito, um gesto que o fazia lembrar-se de seus dias como humano, quando tinha sido mais do que um guardião, mais do que um monstro. – Lúcifer nunca teria concordado em me libertar de seus... cuidados.

– Eu juro a você, ele concordou. Você está livre. – A deusa olhou para os pés dele, calçados com sandálias, sem dizer outra palavra. – Finalmente.

Será que ela escondia alguma coisa? Planejava enganá-lo por algum motivo? Fazia tanto tempo que Geryon não lidava com uma fêmea que não tinha certeza de como julgar as ações dela. Nela, porém, ele queria acreditar. Em qualquer coisa e em tudo que ela dissesse. E isso era o que mais o assustava.

Ela poderia destruí-lo junto com seu pobre coração. Melhor dizendo, o que tinha restado dele. Se é que restava alguma coisa.

Estava mais pálida do que de costume, ele notou, o brilho rosado em seu rosto desaparecido, suas sardas sobressaindo-se. Seus cachos dourados caíam abaixo de seus ombros e braços e ele conseguia

ver a fuligem que cobria as mechas finas. Suas mãos ansiaram por tocá-las, para limpá-las das cinzas com seus dedos. Ela gritaria se ele fizesse isso? Provavelmente.

Hoje Kadence vestia um manto violeta que combinava com seu colar – que ostentava uma gota de ametista tão larga quanto o punho dele e tão brilhante quanto o gelo de sua terra natal. Gelo que ele não via há centenas de anos. Ela nunca tinha vestido uma roupa assim; em geral, cobria-se de branco, como um anjo entre os demônios, sem usar adornos.

– Como? – perguntou ele, *insistindo* em saber. – Por quê? E por que você parece tão triste?

– Isso tem importância? – Ela ergueu o olhar, que o perfurava com a precisão de uma lança e cortava tão fundo quanto.

Havia fúria misturada à sua tristeza. Ele também não gostou disso. Essa mulher deveria ser apenas feliz.

– Para mim sim. – Mas só porque isso era necessário à sua sobrevivência.

Fosse qualquer outra coisa, e ele poderia ter cedido no mesmo instante, ali.

Dado a ela qualquer coisa que desejasse. Até mesmo seguiu-a através das chamas que ficavam atrás dele, como ela pedira da primeira vez.

Ela bateu o pé.

– Para salvar a muralha. Preciso de sua ajuda. Que isso seja uma resposta suficiente para você no momento. Você sabe que Lúcifer não desejaria que ela desmoronasse. – Seus dedos o chamaram. – Venha. Veja o dano que foi feito deste lado. Veja por que eu precisei atravessar.

A deusa não esperou sua resposta. Afastou-se dele e foi até o canto mais distante da muralha. Não, ela não andava. Deslizava, um sonho de estrelas cadentes em meio a um crepúsculo cintilante.

Por que você quer sobreviver? O que viver lhe trouxe de bom? Geryon hesitou apenas por um momento, antes de segui-la, respirando fundo seu aroma de madressilva pelo caminho.

Para sua surpresa, ninguém pulou das sombras enquanto ele caminhava; ninguém esperou para castigá-lo por ousar deixar seu posto. Ele estava livre de verdade? Poderia arriscar-se a ter esperanças?

A deusa não o encarou quando ele a alcançou, mas passou o dedo por um sulco fino, irregular e longo, bem no meio da pedra. Uma rachadura que se espalhava em pequenas ramificações, como pequenos rios que fluíam para o oceano turbulento.

– É pequena, eu sei, mas já aumentou desde que a vi, ontem. Se os demônios continuarem com sua rebelião, a rachadura continuará a crescer até a rocha se partir por completo em duas, permitindo a entrada de legiões no reino humano.

– Se um único demônio fosse solto em um mundo despreparado – murmurou ele –, a morte e a destruição reinariam.

Houvesse ou não uma punição esperando por ele, iria ajudá-la, decidiu Geryon. Não podia permitir que tal coisa acontecesse. A inocência nunca deve ser tomada por quem não a merece. Era muito preciosa.

– Se eu fizer isso... Se eu ajudá-la...

Ainda assim, ela não olhou para ele. Solto um suspiro ofegante.

– Sim?

– Ganharei essa bênção? Tudo que desejo? – Qual era a medida do seu egoísmo para perguntar isso?, pensou ele, mas não retirou o que disse.

– Sim – respondeu ela, sem hesitações. Ainda ofegante.

O que ela achava que ele pediria?

– Então, que assim seja. Eu aceito. Vou levá-la ao inferno, deusa.

Capítulo 4

A DEUSA DEU um suspiro assustado e lançou a ele o mais breve dos olhares.

– Você vai me ajudar? Mesmo sabendo que não está mais vinculado ao príncipe? Que poderia ir embora?

O peito dele se contraiu ao vislumbre dos olhos luminosos como estrelas e os lábios vermelhos e exuberantes.

– Sim, mesmo tendo conhecimento desse fato. – Se ela falara a verdade e ele estava livre, não tinha nenhum lugar para ir. Muitos séculos se passaram e sua casa tinha desaparecido agora. Sua família estava toda morta. Sem dúvida, ele poderia causar tumultos com sua aparência.

Além disso, poderia almejar a própria liberdade prometida pela deusa, mas ainda temia confiar nela. Ela poderia não ter más intenções, mas Lúcifer, com certeza, tinha.

Com o príncipe, sempre havia um “porém”. Um dia livre hoje não significava necessariamente a liberdade amanhã. E sua alma não tinha sido devolvida para ele...

Não, ele não ousaria ter esperanças...

– Obrigada. Eu não esperava... Eu... Por que você vendeu sua alma? – perguntou ela com suavidade, passando o dedo mais uma vez pela rachadura.

Foi uma mudança de assunto, mas o qual ele não estava preparado para abordar.

– O que você quer que eu faça? – perguntou ele, mais afirmando do que questionando. Não queria admitir o motivo de sua loucura e da humilhação que sofrera em consequência disso.

Ela deixou o braço cair ao lado do corpo e o encarou.

Depois que o olhar dele a varreu inteira, a expressão dela se suavizou.

– Sou Kadence – disse ela, como se ele tivesse pedido seu nome, não uma instrução.

Kadence. Como ele amou o modo como as sílabas rolaram pela mente dele, como veludo – pelos deuses, quanto tempo fazia desde que tocara em um material tão fino? E doce como o vinho. Há quanto tempo ele não sentia o gosto dessa bebida?

– Sou Geryon. – Um dia, ele tivera um nome diferente. Ao chegar ali, no entanto, Lúcifer o apelidara de Geryon.

Monstro era a tradução literal do grego, mas, na verdade, seu nome queria dizer “Guardiões dos Condenados”, que era o que ele era e sempre seria. Com alma ou não.

Acreditando no que diziam algumas lendas, um demônio, certa vez, zombara dele, proclamando que ele era um centauro de três cabeças. Alguns, um cão perigoso. Alguns, os restos deixados por um guerreiro chamado Hércules.

Qualquer coisa, no entanto, era melhor do que a verdade, então ele não se importava com as histórias.

– Estou sob seu comando – disse ele, completando com o nome dela –, Kadence.

O gosto era ainda melhor quando o nome saía de sua boca.

Prendendo a respiração, ele sentiu a força daquele nome.

– Você diz meu nome como uma oração. – Não havia espanto na voz dela. Apenas... incerteza?

Ele tinha feito isso?

– Desculpe-me.

– Não por isso. – Ela corou bastante. Juntou as mãos e trouxe a conversa para o que deveria ser a primeira preocupação deles. – Nossa primeira tarefa é corrigir essas rachaduras.

Ele assentiu, mas disse:

– Temo que a muralha já esteja comprometida.

Os danos exteriores podiam ser reparados. Mas não os interiores. Não em muralhas ou nos imortais, pensou ele, tendo em mente as cicatrizes que carregava dentro de si.

– As correções podem apenas fortalecê-la por um tempo.

Mas não poderão evitar uma queda, Geryon pensou, mas não disse.

Ele não sabia o que eles então fariam. O caos reinaria. As almas e os demônios poderiam sair à vontade.

Alguna coisa mais precisaria ser feita. Mas, de novo, ele não sabia o quê.

– Sim. Conhecendo demônios como conheço, eles retornarão e causarão mais dano. – Mais uma vez, ela ergueu os olhos para olhar para ele, sombras de medo alcançando partes de seu olhar onde só deveria haver satisfação. Um crime. – Geryon – chamou ela, em seguida apertando seus deliciosos lábios.

O que restara de seu coração parou de repente. Ela era tão adorável! Sua gentileza e bondade a colocavam distante de tudo que ele representava. Geryon queria se enfiar na terra, esconder sua feiura dela.

– Sim?

– Eu...eu...

Por que ela parecia tão constrangida?

– Você pode falar livremente comigo, deusa. – Ele forneceria a Kadence qualquer coisa de que ela precisasse.

– Kadence. Por favor.

– Kadence – disse ele de novo, e saboreou a palavra. Tão boa...

– Eu... Que bênção você pediria para mim?

Isso não era o que ela pretendia perguntar, ele sabia disso, e conseguiu apenas respirar fundo, sem emitir nenhum som, tentando não entrar em pânico. Esperava discutir sobre esse assunto depois.

– Um... um beijo. – Ele esperou pela careta de horror que ela faria. Sua negação.

Em vez disso, ela só abriu a boca, sem falar nada.

– Você pode fechar seus olhos e imaginar a si mesma com outra pessoa – disse ele, apressando-se.
– Ou recusar. Eu entenderia.

Pare de falar. Você só está piorando as coisas.

– Eu não recusaria – disse ela com suavidade, em um tom rouco.

– Eu... eu... – Agora era ele quem gaguejava. Ela não recusaria?

Ela lambeu os lábios.

– Devo lhe dar um beijo agora?

Agora? De repente, ele teve problemas para respirar. Ficou parado. Seus joelhos fraquejavam.

Seus membros estavam tão pesados quanto pedras. Pontos pretos enevoavam sua visão. *Agora?*, perguntou-se de novo, dessa vez descontrolado.

Ele não estava preparado. Iria fazer papel de tolo e ela o deixaria. Não desejaria mais sua ajuda.

Ou, pior, poderia dirigir a ele olhares de pena, cheios de desgosto, durante o tempo em que trabalhassem juntos.

– Depois – coaxou ele, com dificuldade para falar.

Foi... desapontamento o que nublou a expressão dela?

Com certeza não.

– Muito bem – concordou ela. Sem emoção. – Depois. Mas, Geryon, devo adverti-lo, não há chance de sobrevivermos.

– O que você quer dizer?

– Depois de termos consertado a muralha, devemos caçar e matar os demônios que a destruíram.

Você tem certeza de que quer esperar?

Caçar e destruir demônios. É claro. A resposta era tão óbvia... Ele estava envergonhado por não ter pensado nisso.

– Então... Seu beijo? – inquireu ela com suavidade.

Ele não tinha certeza, mas achou que ela estava... ansiosa.

Mas devia saber que não era bem assim. Concordar com a barganha de Lúcifer tinha sido difícil.

Ou assim ele pensava, na época. Isso era cem vezes mais complicado.

– Depois – respondeu, repetindo o que tinha dito. Mereceria aquele beijo e, com esperança, ela nunca olharia para trás e o consideraria indigno.

Ela assentiu e, mais uma vez, desviou os olhos dele.

– Então vamos começar a trabalhar.

Capítulo 5

POR HORAS, GERYON trabalhou na reparação da muralha, implorando à Kadence, o tempo todo, que ela ficasse atrás dele. Os demônios eram perigosos, disse. *Gostam de sua presa viva e fresca*, avisou. O que ele não disse foi que ela era tão frágil, tão delicada... Não, ele não precisou dizer isso; ela leu seus pensamentos na preocupação crescente em seus olhos.

Apesar de tudo isso, recusou-se a deixá-lo ir sozinho. Não tinha oferecido a Lúcifer alguma coisa em troca que atrairia a ira dos deuses para si, com certeza, apenas para mandá-lo em uma missão que ele não tinha esperança de vencer sem ela.

Enquanto os demônios não estavam sob seu comando, ela os forçaria a se curvar diante dela. Assim esperava. Além disso, poderia parecer frágil e delicada, mas possuía um interior feito de ferro.

Uma coisa que, finalmente, tinha provado a Lúcifer mais cedo. E a si mesma também.

Quando criança, Kadence tinha sido uma força indomável. Um furacão que massacrava qualquer coisa e tudo em seu caminho. Não era intencional. Ela apenas seguia os desejos silenciosos em sua cabeça. Conquistar. Dominar.

Você quer mesmo pensar sobre isso agora?

Não havia hora melhor, supôs. Só tinha outra coisa em que pensar: o motivo pelo qual Geryon não a beijara quando se ofereceu. Por que ele parecera realmente alarmado? Algumas ideias lhe vieram à mente: ele não queria beijá-la de verdade. Mas, então, por que lhe pedira um beijo? Ressentia-se por ela ter pedido sua ajuda – isso era o mais provável, ou, ainda, estava simplesmente desesperado por uma mulher, e ela era a única disponível, ainda que tivesse de obrigar seu corpo a reagir primeiro.

Embaraçoso!

Não está ajudando.

Ela poderia tê-lo ajudado, em vez de pensar em qualquer coisa, mas ele a afastou todas as vezes que Kadence tentou se aproximar.

Quando ela se juntou a ele, de qualquer modo, Geryon ameaçou deixá-la se ela não parasse. Então ali estava ela, fazendo nada. Sem utilidade.

Não sou fraca, pelos deuses! Mesmo que, na maior parte do tempo, tenha agido assim.

Quando, na época em que era criança, percebeu que retirava força da mente de sua própria mãe, transformando-a de uma deusa vibrante em uma casca sem vida, Kadence se retraiu com medo de quem era. Temia o que poderia fazer, mesmo que não fosse intencional.

Infelizmente, com aqueles medos vieram outros, como se ela tivesse aberto uma porta em sua mente e colocado um tapete de boas-vindas na frente. Medo de pessoas, lugares, emoções. Por séculos, agiu como se fosse a ratinha à qual Lúcifer se referiu.

Sob os medos, entretanto, ela ainda era a deusa que tinha nascido para ser. Opressão. Ela conquistava. Não se acovardava. *Por favor, não me deixe ser covarde. Não mais.*

– Fiz tudo que podia pela muralha – disse Geryon, de repente.

Kadence tinha se encostado a uma rocha próxima, e agora se levantava. Seu manto caiu até a altura de seus calcanhares, balançando.

– Assim que eu tiver afastado as pedras do portão – que separavam a entrada da caverna de um buraco –, devemos nos apressar. Só teremos uma pequena fenda para passar, mas não podemos permitir que isso nos atrase.

E nem permitir que alguém – ou alguma coisa – pudesse escapar.

– Entendo – disse ela, aproximando-se dele.

– Não haverá nenhuma borda para nos dar segurança. Devemos nos prender à pedra e passar pelo buraco.

Só depois que ela assentiu foi que ele pressionou e empurrou, criando a fenda que tinha mencionado.

De imediato, as chamas e os braços se estenderam. Gritos pairavam no ar. Geryon, primeiro, ordenou que todos recuassem. Para surpresa dela, os demônios se afastaram, as chamas morreram e os gritos cessaram quando ela passou, seu corpo oscilando entre o mundo natural e o espiritual. Parte dela quis acreditar que eles tinham feito isso porque a temiam. Outra parte dela sabia que eles tinham medo da ira de Geryon.

Ela se agarrou à pedra com cada gota de sua força, enquanto Geryon fechava a fenda. Soltar-se dali significava lançar-se em queda livre dentro do inferno, um poço de fogo apenas esperando para engolir a ambos.

As palmas de suas mãos suavam.

– Pronta, deusa? – perguntou ele, avançando na direção dela. Geryon ficou do lado esquerdo do portão, e ela, do direito. – Pronta? – insistiu ele, alcançando-a. Para protegê-la? Ajudá-la?

– Sim. – Finalmente, saberei como é o toque dele. Com certeza, não será tão divino quanto meu corpo espera. Nada poderia ser. Mas, um pouco antes do contato, ele se moveu para trás dela, depois se afastou, e fez todos os movimentos sem tocá-la. Ela suspirou desapontada e pressionou-se ainda mais à muralha, equilibrando-se o melhor que pôde sobre uma saliência rochosa.

– Por aqui. – Ele fez um sinal com o queixo, apontado para um lado da rachadura.

– Certo. E... Geryon? Obrigada. Por tudo.

Em geral, ela entrava no castelo de Lúcifer sem abrir o portão, porque temia aquela passagem. Não hoje. Hoje, ela não podia fazer isso. Por isso, não poderia envolver Geryon. Ou qualquer outra pessoa nesse assunto. Seu dom servia apenas a ela.

– De nada.

Quando Kadence passou, acenou para a fenda agora fechada. Porque não havia mais um guardião diante dela, e a fortificação extra seria necessária – ainda que aquela tarefa a enfraquecesse,

forçando-a a deixar uma parte de si para trás.

Enquanto parte de seu poder aderiu à muralha, ela teve cuidado de se manter distante deles. Supostamente, Geryon era o único que poderia tocar as fechaduras do portão sem sofrer nenhuma consequência. Bem, além de Hades e Lúcifer. Em qualquer outra pessoa, as pedras causariam uma dor e um horror incalculáveis.

Ela jamais ousara testar essa ideia.

O pensamento lhe ocorreu e ela inclinou a cabeça, analisando sua companhia. Sem Geryon no portão, quem abriria as pedras para permitir a entrada das almas condenadas?

Talvez Lúcifer já tivesse designado outro guardião... Quem saberia? Ela riu sem qualquer humor. Ele tinha de ter feito isso. Não poderia deixar os portões desprotegidos, mesmo sabendo que Kadence os reforçaria. O entendimento de que Geryon não seria o homem que veria todos os dias entristeceu-a; pois, quando a muralha estivesse a salvo – não ousaria se permitir acreditar que falharia nessa missão –, ele poderia partir, mas ela permaneceria presa ali.

Não pense sobre isso agora. Ela estava prestes a cair no choro. Se chorasse, sua visão ficaria borrada e ela teria dificuldades para ver onde apoiar as mãos, que ainda suavam.

Olhou ao redor. O ar estava mais enevoado ali, percebeu Kadence, mais quente. Na verdade, tão mais quente que ela viu o brilho do suor se espalhando por seus braços, seu pescoço, até mesmo seu rosto. Gotas se formaram e escorreram de suas têmporas, borrando sua visão.

– Geryon – chamou ela, quase em pânico.

– Estou aqui, Kadence. – No instante seguinte, ele estava se aproximando dela, bem junto às suas costas. Seu odor pungente, masculino e poderoso a envolveu, afastando o cheiro penetrante de decomposição. – Você está bem?

– Sim – sussurrou ela em resposta, mas, pelos deuses, no que havia se metido?

Capítulo 6

— **M**OVA-SE JUNTO COMIGO – disse Geryon a ela. – Consegue fazer isso?

– Sim. Claro. – Conseguiria? Mantendo um aperto firme, usou as pedras irregulares ao longo da borda, sempre ciente do vazio que parecia interminável esperando que ela perdesse o equilíbrio – mas muito distante do homem atrás dela, prendendo-a, mantendo-a estável. – Talvez a muralha não esteja tão danificada quanto eu temia que estivesse. Uma deusa pode, pelo menos, ter esperanças.

– Sim, uma deusa pode ter esperanças.

Como ela ansiava para se esfregar contra ele, provar de sua força, pertencer-lhe mesmo que por um momento apenas... Não poderia, porém, fazer isso, com medo de distraí-lo. Ou assustá-lo. Ou desestabilizá-lo com seu peso, fazendo-o cair.

Uma rocha se desprende, bem no momento em que Kadence colocou o pé sobre ela, fazendo-a gritar.

– Não demonstre seu medo de modo algum – advertiu Geryon. – Os demônios e as chamas se alimentarão dele e tentarão fazer com que aumente.

– Elas estão vivas? Refiro-me às chamas.

– Algumas delas, sim.

Deuses! Como ela não sabia disso?

– Não imaginei que a subida seria tão difícil. Gostaria de poder nos teletransportar.

– Teletransportar?

– A habilidade de ir de um lugar a outro apenas com a força do pensamento.

– Você tem essa habilidade?

– Sim.

– E pode ir a qualquer lugar?

– A qualquer um em que já estive. Teletransportar-me a um lugar onde nunca estive é... perigoso.

Ele pensou por um momento.

– Você já esteve no fundo dessa caverna?

– Não. – Ele deve ter se perguntado por que ela, uma das guardiãs do Inferno, não o inspecionara mais atentamente. Ela se achava tão esperta, apenas usando sua mente para observar, mas agora via o erro que tinha cometido.

– Então, peço-lhe que não tente se teletransportar. Você pode julgar mal a distância e acabar em algum lugar sem borda.

Ou no subsolo, ela pensou, mas não contou isso a ele.

– Esse é um poder útil para se ter. Eu a invejo.

Pobre homem. Preso junto aos portões do inferno por incontáveis vidas.

– Se você pudesse se teletransportar a qualquer lugar do mundo, aonde iria? – Assim que eles tivessem destruído os demônios que tentassem escapar, talvez ela conseguisse levá-lo até esse lugar. Não seria capaz de permanecer com ele, é claro, mas ver sua felicidade poderia dar combustível às suas fantasias durante os anos que viriam.

Ele resmungou.

– Não desejo mentir-lhe, deusa; portanto, não responderei sua pergunta.

– Aprecio que tenha dito a verdade. – *Por que ele não conversa comigo?*

A curiosidade a bombardeou. A resposta dele o envergonharia, talvez? E, se era assim, por quê? Ela estava desesperada para saber, mas deixou o assunto morrer, por hora.

– Estamos quase lá – disse ele. Quase na rachadura.

– Bom.

Ele ainda estava perto dela, em suas costas, mas tomava cuidado para não a tocar. Ainda assim, não conseguia impedir seu calor de envolvê-la. Aquele não era um calor com que ela se importasse, mesmo em meio à fôrnalha fumegante do inferno. O calor que ele emanava era... inebriante.

Ele parou, forçando-a a fazer o mesmo.

– Lamento dizer que isso está pior do que pensei que estaria. – A respiração dele envolveu seu pescoço.

– O... o quê? – perguntou ela horrorizada.

Estar tão próximo dela era pior do que ele tinha pensado.

– A muralha. O que mais poderia ser?

Graças aos deuses, pensou ela, soltando o fôlego. Que mulher tola. Sua vida dependia dessa muralha. Ela não deveria se importar se um homem a considerava atraente. Ou não.

Forçou-se a olhar adiante, com a mente concentrada em seu trabalho, não no homem intrigante atrás dela. Pelo menos um pouco. As marcas de garras grossas eram numerosas. E, o que pareciam ser sulcos finos do outro lado, ali eram crateras imensas.

A esperança a abandonou.

Irreparável. Em todos os sentidos.

– Eles estão mais determinados do que pensei – disse ela. E isso foi tudo, a voz estremecendo de leve. Não havia motivo para falar sobre seus medos em voz alta. Geryon poderia pensar que ela estava reclamando de seu trabalho ou duvidando das habilidades dele.

Ele ajustou sua pegada, e seu braço estava logo acima do ombro dela. Um tremor passou por seu corpo. Se ficasse na ponta dos pés, sentiria a pele dele contra o calor da pele dela. Embora tivessem se passado centenas de anos desde que estivera com um homem, lembrava-se do que um simples contato poderia oferecer.

– Não se preocupe, Kadence. Não deixarei que eles a machuquem.

Ele estava falando o nome dela mais despreocupadamente agora, o que a agradou.

– Então, só para você saber, não permitirei que você seja ferido por eles. – Foi um juramento.

Houve uma pausa. Então, Geryon agradeceu, parecendo inseguro.

– Obrigado.

– De nada.

Pensou ouvi-lo engolir em seco.

– Posso tentar reparar essa rocha?

– Não. – Era muito esforço para pouca recompensa. – Deveríamos continuar nos encaminhando para o fundo. Destruir os Lordes Superiores é o único modo de impedir maiores danos.

Uma gargalhada maligna explodiu atrás deles e ambos enrijeceram.

Demônios.

– Deixe-nos – advertiu Geryon.

A gargalhada ficou mais alta. Mais próxima.

– Não posso combatê-los estando desse jeito, nesse estado, e eles sabem disso – murmurou ele, apertando a cintura dela.

Kadence arfou. Finalmente. Ele a tocava. Era maravilhoso e incrível... selvagem e intenso. Mas não houve conforto no toque, como ela esperava. Não. Em vez disso, ela experimentou uma excitação ardente. E um intenso desejo por mais.

– O que devemos fazer?

– É hora de cairmos, Kadence – disse ele, e então soltou as rochas, levando-a ao longo da borda consigo.

Capítulo 7

ELLES PARECERAM CAIR por uma eternidade. Geryon manteve seu aperto tão forte quanto aço ao redor de uma Kadence que tremia, seu cabelo esvoaçando como fitas inquietas de seda. Ela não gritou, uma reação que ele esperou que tivesse, mas se virou e passou as pernas ao redor dele, o que Geryon não esperava.

Esse foi o primeiro gosto que teve do paraíso. Nessa vida e na outra que ele tivera antes.

– Peguei você – disse ele. O corpo dela se encaixava com perfeição contra o dele, macio onde o seu era duro, suave onde o dele era cheio de calos.

– Quando isso termina? – perguntou ela em um sussurro, mas ainda assim ele percebeu notas de pânico em sua voz.

Eles não estavam girando, apenas caíam, mas ele sabia que a sensação poderia ser angustiante. Sobre tudo, refletiu, para alguém acostumado a se teletransportar de um lugar para outro.

– Logo.

Ele já tinha caído daquela forma antes, quando Lúcifer o convocara para seu palácio, a fim de explicar seus novos deveres. Mas nunca se esquecera da experiência. Como antes, as chamas os envolveram, alfinetadas douradas na escuridão. Só que, na queda anterior, aquelas chamas tinham aparecido como línguas de serpente, lambendo-o. Não se comportavam assim, porém... Será que o temiam? Ou temiam a deusa?

Ela era mais do que qualquer coisa que Geryon já imaginara.

Mais corajosa, mais determinada. A cada minuto que passava com ela, seu desejo em tê-la se intensificava. Kadence era o amanhecer na desolação que era sua vida. Era o gelo refrescante no calor latente.

Ela não é para você.

Feio como era, Kadence correria o mais rápido e o mais longe que pudesse se tomasse conhecimento das muitas fantasias que sua mente tinha começado a tecer sobre eles.

Ele deitando-a no chão, desnudando-a, passando sua língua por cada centímetro delicioso do corpo dela. Ela, gemendo de prazer, enquanto ele provava seu lugar mais íntimo. Choramingando em abandono, enquanto ele a preenchia com seu desejo intumescido. Mais do que o beijo que ela havia lhe concedido.

Um beijo nascido da... pena? Ou da gratidão?

Geryon não achou nenhuma das possibilidades atraentes. Ele queria que ela desejasse seu beijo. E maldito fosse por toda a eternidade... Por que não aceitara os lábios dela quando ela os ofereceu? Por pena, gratidão, ou o que fosse. Que tolo ele fora! Que covarde.

Se a oportunidade surgisse outra vez, ele a agarraria.

– O que está errado? – perguntou ela, ainda com um pânico crescente evidenciado em sua voz.

– Não há nada de errado – mentiu ele em resposta. – Alguns chamaram este lugar de poço sem fundo, mas eu lhe asseguro que ele tem um fundo. Apenas um pouco mais adiante e chegaremos até ele. Você sentirá uma sacudida ao aterrissar, mas eu absorverei a maior parte do impacto. – Ele moveu uma das mãos para a base do pescoço dela. Oferecendo conforto, disse a si mesmo. Tinha tentado não tocar nela, lutara contra essa ideia, mas não havia outro modo de protegê-la dentro do poço.

Além disso, qual era o problema de encostar nela com a mão?

– Você parece tensa.

Deveria parar de desejá-la. A pele dela era tão macia, tão suave, e ele sentiu pequenos arrepios sob a palma de sua mão, enquanto massageava seu pescoço com gentileza. Para seu deleite, os músculos de Kadence relaxaram sob seu toque.

Parecia haver vários danos. Seu membro endureceu de repente e seu rosto queimou. Ela poderia sentir a evidência de sua excitação? Aquela parte de seu corpo estava enterrada sob sua armadura, então talvez ela pensasse que era o metal.

E que ele era um tolo.

– Diga-me o que está errado – pediu ela. – Você está escondendo alguma coisa, posso sentir. Sei que esse poço é feito para almas, não para corpos de carne e osso, ainda respirando. Nós vamos...

– Não. Eu juro. Sobreviveremos. – A conversa parecia acalmá-la, então ele continuou: – Conte-me sobre você. Sobre sua infância.

– Eu... tudo bem. Mas não há muito que contar. Eu não tinha permissão para sair da minha casa, quando era criança. Para o bem maior – explicou ela, como se aquela fala a tivesse nutrido muitas vezes antes.

Ele não pretendia fazer isso, e teria se contido caso tivesse percebido, mas se viu acariciando a coxa dela, compreensivo.

Devido à sua natureza, ela foi uma pária, tanto quanto ele.

– Kadence, eu... – O ar ficou mais denso em volta deles, as chamas pulverizadas parecendo lágrimas fundidas. Ele reconheceu os sinais. O fim estava próximo. – Solte suas pernas de mim, mas não as deixe tocar no chão.

– Cer...

– Agora!

Tarde demais.

Boom. Eles se chocaram contra o chão e Geryon firmou seus pés, enquanto o impacto vibrava por ele. Tentou continuar em pé, para impedir que a deusa tivesse contato com os ossos que cobriam a área, mas seus joelhos logo cederam e ele caiu para trás.

Kadence permaneceu em seus braços, não soltando suas pernas como ele tinha pedido. Então, as costas dele sofreram o impacto da queda, o que arrancou o ar de seus pulmões.

Ele ficou deitado por um momento, ofegante. Eles estavam bem dentro do inferno, de verdade. Não havia volta agora.

Capítulo 8

— GERYON? Você está bem?

A escuridão silenciosa do poço deu lugar a uma luz brilhante, o fogo iluminando cada canto. Kadence pairava sobre ele, como o sol, que, algumas vezes, vislumbrara em seus sonhos, brilhante e glorioso.

— Eu estou... bem.

— Não está não. Você está ofegando. O que posso fazer para ajudá-lo?

Ele ficou surpreso em notar que ela não o soltou agora que estavam em segurança. Bem, tão seguros quanto uma pessoa poderia estar no inferno.

— Conte-me mais sobre você. Enquanto recupero meu fôlego.

— Sim, sim, claro. — Conforme ela falava, suas mãos delicadas passavam por sua testa, seu queixo, seus ombros. — Procuravam machucados? Ofereciam conforto? — O que eu poderia lhe contar?

— Qualquer coisa. — Geryon estava ficando mais forte a cada segundo, mas não admitiu isso. Pelo contrário, continuou se deleitando com a sensação provocada pelo toque dela. — Tudo. Quero saber tudo sobre você. — *De verdade.*

— Certo. Eu... Pelos deuses, isso é difícil. Acho que começarei pelo princípio. Minha mãe é a deusa da Felicidade. Estranho, eu sei, que tal mulher pudesse dar à luz alguém como eu.

— Por que estranho? — Quando olhar para Kadence, ouvir sua voz, sentir seu aroma, proporcionara a ele mais alegria do que ele jamais conhecera?

— Devido ao que sou — explicou ela, claramente envergonhada. — Devido ao dano que posso causar.

— Não vi nada além — de prazer, desejo, desespero — de bondade, vindo de você.

Seus cuidados cessaram, e ele pôde sentir o olhar dela cravando-se nele.

— Sério?

— Sim, verdade. — Não pare de me tocar. Séculos se passaram desde que ele havia desfrutado leves e singelos toques. Aquilo era o êxtase, o paraíso e um sonho, tudo embrulhado em um único e delicioso pacote.

— Minha cabeça — disse ele, gemendo.

— Pobre querido — murmurou Kadence, massageando as têmporas dele.

Geryon quase sorriu. Agora não era hora para aquilo. Estava dentro do inferno, em área aberta, e eles eram alvos possíveis. Os demônios no portão poderiam tê-los seguidos. Mas ele não conseguiu evitar; estava muito desesperado, ansioso. Só um pouco mais.

– Sua história – pediu.

– Onde eu estava? Ah, sim. – Seu aroma de madressilva o envolveu, afastando o odor de podridão. – Eu fui uma garota levada. Não dividia meus brinquedos e com frequência fazia as outras crianças chorarem, obrigava-as a se dobrarem à minha vontade. Mas era sem querer. Certo, talvez algumas vezes minhas atitudes tenham sido um pouco intencionais. Acho que essa foi uma das razões pelas quais fui mandada para o inferno, como supervisora, embora isso nunca tenha sido dito em voz alta. Os deuses queriam se livrar de mim de uma vez por todas.

Como ela soou triste!

– Toda criatura viva comete um erro em algum ponto ou outro. Além disso, você era uma criança. Ainda não estava ciente dos sentimentos dos outros. Não se culpe. Eles não deveriam ter feito isso. Deveriam saber.

– E sobre você? – perguntou ela, dessa vez parecendo mais leve.

Eu fiz isso. Eu a encorajei.

– O que você gostaria de saber? – inquiriu ele, em resposta.

Ela sorriu devagar.

– Qualquer coisa. Tudo.

Aquele sorriso... Uma das melhores criações dos deuses, com certeza. Geryon sentiu um aperto dentro do peito. Seu membro enrijeceu de novo.

– Preciso de um momento para pensar. – Ele tinha relegado suas memórias humanas a um canto distante em sua mente, para nunca mais pensar sobre elas. Antes, relembrar aqueles dias tinha sido uma tortura, para que soubesse que eles estavam perdidos para sempre, mas lembrou-se da fuga de sua esposa, o que era uma coisa boa. Hoje, no entanto, com o aroma de Kadence ao seu redor, experimentava certa pontada de tristeza pelo que poderia ter sido.

– Fui uma criança selvagem, indomável, um vagabundo – contou ele. – Minha mãe se desesperou, pensando que eu preocuparia não só a ela, mas também cada pessoa da nossa família até a morte. – Ele riu. Um rosto envelhecido passou, com ternura, em sua mente. – Então, eles me apresentaram à Evangeline. Ela me acalmou, porque eu queria ser digno dela. Nós nos casamos, já que esse era o desejo de nossas famílias.

Kadence ficou rija. Até empalideceu. A mão que o acariciava parou de repente.

– Você é... casado?

– Não. Ela me deixou.

– Lamento – disse ela, mas havia alívio em sua voz.

Alívio? Por quê?

– Não lamente. – Se ele não tivesse dado sua alma por Evangeline, ela teria morrido. E, se ela não tivesse deixado Geryon, ele poderia ter se rebelado contra Lúcifer, quando chegasse o momento de se tornar guardião. E, se tivesse se rebelado, poderia nunca ter conhecido Kadence.

Geryon nunca se sentira tão grato por alguma coisa como naquele momento.

De repente, um rosnado frenético ecoou a distância, seguido por um riso demoníaco. Tinham sido seguidos.

Desistindo de toda a pretensão de ser prolixo, Geryon se levantou, puxando a deusa consigo e procurando alguma coisa para além deles.

O bando estava a vários metros de distância. Mas, enquanto ele observava, um demônio se separou do grupo e correu em direção a eles.

Capítulo 9

GERYON EMPURROU KADENCE para trás dele. Outro toque – quente, a pele acetinada, perfeição –, e ele ansiava por deleitar-se nela. Mas não o fez, não podia fazê-lo. Concordou em seguir com ela para salvar o reino humano, sim, mas também para mantê-la segura. Não porque ela era uma deusa e também a coisa mais linda que ele já tinha visto, mas porque, naquele único dia, ela o fizera sentir-se como um homem. Não uma besta.

– Lembre-se de que jurei não deixar que eles a machucassem – disse a ela. Um minuto, talvez dois, e a criatura os alcançaria. Rápida como era, ainda havia uma grande distância entre eles, as ruas do inferno se estendendo ao infinito. – Mantereí minha palavra.

– Geryon. Talvez eu possa...

– Não. – Ele não queria envolvê-la naquela luta. Ela já estava tremendo de medo. Estava tão assustada, na verdade, que nem tinha percebido que suas mãos ainda repousavam sobre as costas dele, como duas condutoras de um prazer inexorável. Se ela soubesse, com certeza, teria se afastado, enojada. – Eu lutarei. – Se ela tentasse fazer o mesmo, a criatura se alimentaria de seu medo, ficando ainda mais enlouquecida.

Assim como a maioria de seus companheiros, a criatura que vinha até eles tinha um rosto esquelético e um corpo musculoso coberto de escamas verdes, e a língua bifurcada aparecia e desaparecia rapidamente, como se sangue saturasse o ar. Olhos vermelhos brilhantes os encararam, mil pecados descansando onde deveria haver pupilas.

Os instintos guerreiros impeliam Geryon a dar um passo à frente e encontrar o bastardo na metade do caminho. Lutar ali, como verdadeiros soldados. No entanto, seu instinto humano exigia que permanecesse onde estava, pois distanciar-se de Kadence significaria colocá-la em um perigo ainda maior. Outro demônio poderia estar escondido nas proximidades, esperando pela chance de atacá-la. Outro integrante do bando poderia se separar do grupo e tentar atingi-la pelas costas.

– Isso é culpa minha – afirmou ela. – Não importa que eu tenha começado a relaxar, meu medo deste lugar está entranhado em mim. E esse medo é como um farol para eles, não é?

Geryon preferiu não responder àquela pergunta, pois temia assustá-la ainda mais ao confirmar a verdade de suas palavras.

– Quando ele nos alcançar, quero que você corra. Encoste-se à muralha e grite por mim, caso veja sinal de outro demônio.

– Não, eu quero ajudá-lo. Eu...

– Fará como eu lhe disse. Caso contrário, eu o derrotarei e partirei deste lugar. – Seu tom de voz foi intransigente. Ele já se arrependia de tê-la trazido até ali, precisando a muralha ou não de defesa. Necessitando ou não salvar vidas inocentes.

Percebeu que ela era mais importante.

Kadence estava tensa contra ele, mas não emitiu qualquer outro protesto.

Um grito encheu o ar.

– Minha, minha, minha.

A criatura se aproximava... rápida... quase... lá. Garras se firmaram em Geryon, quando ele agarrou seu oponente pelo pescoço.

Várias picadas estouraram em seu rosto, seguidas do lastro de sangue quente. Braços se agitavam, pernas chutavam.

Apenas quando a tentação das mãos de Kadence se afastou, Geryon começou de verdade a batalha.

Um soco, dois, três.

A criatura resistiu, selvagem e feroz. A saliva brilhava em suas presas quando ele escancarou sua boca ossuda. Outro soco. Mais outro. Mas nada disso parecia surtir efeito, e a criatura não se deixava dominar de forma alguma.

– Onde está Violência? E Morte? E Dúvida? – gritou ele.

Era por elas que ele estava aqui, afinal de contas.

A luta continuou, intensificou-se, o terror ganhando vida naqueles olhos vermelhos. Não o medo do que Geryon faria, ele sabia, mas o terror do que seus irmãos demônios fariam se soubessem de qualquer traição.

Embora Geryon odiasse o fato de Kadence vê-lo matar de forma tão brutal e selvagem – de novo –, isso não poderia ser evitado. Ergueu a mão, estendendo suas longas garras, e atacou. O veneno que cobria suas garras foi um “presente” de Lúcifer para ajudá-lo em suas tarefas, e ele agiu com rapidez, sem piedade, espalhando-se pelo corpo da criatura e apodrecendo-o de dentro para fora.

A criatura gritou e guinchou em agonia, e seus esforços se transformaram em espasmos contorcidos. Depois as escamas começaram a queimar, enfumaçando, crepitando, deixando apenas aquele esqueleto horripilante. Mas os ossos também se desintegraram, e as cinzas negras logo infestaram o ar, espalhando-se em todas as direções.

Geryon levantou-se com as pernas trêmulas.

– Vocês são os próximos – gritou ele para os outros demônios.

Eles saíram correndo.

Contudo, por quanto tempo permaneceriam longe?

Ele deveria continuar; entretanto, manteve-se de costas para Kadence por vários minutos, esperando, ansiando – temendo – o que ela diria. O que ela pensava sobre ele agora? Haveria mais ternura da parte dela? Ela retiraria sua oferta de beijá-lo?

Por fim, a curiosidade o venceu, e ele se virou.

Ela estava parada no lugar exato onde ele ordenara que ficasse, com as costas pressionadas contra as rochas. Aqueles cachos gloriosos cascadeavam em volta dela. Seus olhos estavam arregalados e cheios de... admiração?

Com certeza, não.

– Kadence.

– Não. Não fale nada. Venha até mim – pediu ela, e o chamou com o dedo.

Capítulo 10

KADENCE FOI INCAPAZ de conter sua súplica. Geryon estava a vários metros de distância dela, um pouco ofegante, seu rosto estava machucado e sangrando, enquanto de suas mãos pingava o sangue de seu oponente.

Seus olhos negros estavam mais assombrados do que ela jamais vira.

– Venha até mim – chamou de novo. E, mais uma vez, gesticulou na direção dele com os dedos.

Pela primeira vez, Geryon ficou sem reação, como se não tivesse acreditado no que ela dissera. Dessa vez, ele vacilou.

Balançou a cabeça.

– Você deseja... punir-me pelos meus atos?

Homem tolo. Castigá-lo? Quando ele a salvara? Sim, uma parte dela estava brava por ele deixá-la de fora da luta, por tê-la ameaçado – jurado – partir sem fazer o que tinham ido fazer ali. Mas, ainda assim, uma parte dela estava aliviada.

Quando o demônio o golpeou, ela sentiu o poder florescer dentro de si. Tão magnífico e tão belo. Nascido da fúria, talvez, mas, ainda assim, tinha surgido.

Não sou uma covarde. Não mais. Da próxima vez, vou agir.

Não importa os desejos dele, nem os meus. Ele merece isso.

Merece que alguém cuide dele.

– Kadence – chamou Geryon, e ela percebeu que estava olhando para ele em silêncio.

– Eu nunca o puniria por me ajudar. Não importam os seus atos. Se você não souber mais nada a meu respeito, saiba disso.

De novo, ele vacilou.

– Mas... Eu matei. Machuquei outra criatura.

– E você foi lesado no processo. Venha, deixe-me cuidar de suas feridas.

Ainda assim, ele resistiu.

– Mas você teria de colocar suas mãos em mim.

Ele disse aquilo como se a ideia fosse repugnante para ela.

– Sim, eu sei. Isso o incomoda? – *Por favor, não se chateie com isso.* – Quero dizer, já fiz isso e você não pareceu... Quero dizer...

– Se me incomoda? – Um passo hesitante, dois. Naquele ritmo, ele nunca chegaria até ela.

Suspirando, Kadence caminhou o que faltava para se encontrarem, entrelaçou os dedos – experimentando um choque – e levou-o até as rochas.

– Sente-se, por favor.

Quando ele obedeceu, puxou sua mão para afastá-la da mão dela esfregando levemente o lugar onde tinham se tocado. O mesmo choque o atingira? Kadence esperava que sim, pois não queria sentir sozinha aquela... atração. Sim, atração, deu-se conta. Física, erótica. Do tipo que exige que uma mulher deixe de lado suas inibições e convide um homem para a sua cama.

Se aquele convite seria aceito ou não, era uma história completamente diferente.

Relutante como Geryon estava, Kadence tinha certeza de que iria dispensá-la. Como tinha feito com o beijo. E talvez fosse melhor assim, decidiu. Seu jeito de fazer amor tendia a assustar os homens e afastá-los. Porque, quando o prazer a tomava, ela não conseguia controlar sua natureza. As muralhas que erguera dentro de si se rompiam, desencadeando sua vontade com a força de uma vingança.

E, fisicamente, seus amantes se tornavam seus escravos. Em pensamento, eles a amaldiçoavam por ter roubado sua liberdade de escolha, ainda que ela o fizesse de forma inconsciente.

Kadence nunca ia para cama com o mesmo homem duas vezes e, depois de três tentativas, parara completamente de tentar. Um, considerara azar. Dois, uma coincidência. Três, inegavelmente, a culpa era dela.

Contudo, como Geryon responderia? Ele a odiaria como os outros? Era provável. Ele já conhecia os horrores de estar preso à vontade de outra pessoa. Kadence não tinha dúvidas de que a liberdade era o bem mais precioso na vida dele.

E era assim que deveria ser. Natural. Normal. Condições que ele também desejava, por certo.

Ela trazia mais problemas do que bênçãos.

Suspirando, rasgou várias tiras de tecido de seu manto e se ajoelhou diante dele, entre suas pernas. Seu membro estava escondido sob uma saia curta de couro e metal filigranado. A roupa de um guerreiro. Talvez fosse ousado de sua parte, mas ela desejava vê-lo. Acima de tudo. Passou a língua pelos lábios, pensando que talvez, talvez, pudesse dar uma olhada? Isso não iria destruir sua vida e...

Como se Geryon pudesse ler sua mente, ele respirou fundo.

– Não – sentenciou ele.

– Desculpe-me. Eu...

– Não. Não pare.

Capítulo 11

NÃO PARE. Ele quis dizer que desejava que ela tirasse sua armadura? Ou apenas queria que ela limpasse seus ferimentos como prometera?

Ele já estava nervoso, no limite, e tinha resistido até mesmo ao menor de seus cuidados.

Temendo arriscar-se e cometer um erro, ela se inclinou, estendeu a mão e limpou o sangue do rosto dele com uma das tiras de tecido. *Agindo de forma covarde de novo, não é isso que estamos fazendo?*

O cheiro delicioso que emanava dele preencheu suas narinas, uma brisa da meia-noite que a fez relembrar-se, de forma inexplicável, de sua casa. Uma casa grande, opulenta, que ela não fora capaz de visitar desde que a deixara, de forma relutante, para supervisionar a fortificação do inferno. Como ela sentia saudades de casa!

– Em todos os anos em que eu o conheço – disse ela, evitando, com cuidado, o corte mais profundo –, você nunca deixou seu posto no portão. Você come? – Ao primeiro contato, Geryon se assustou.

Mas Kadence manteve um ritmo constante e leve, e ele foi relaxando aos poucos.

Talvez um dia ele lhe permitisse fazer mais. Contudo, será que ela o escravizaria como tinha feito com os outros? Essa pergunta ainda a atormentava. Se havia uma chance de ela não... *O que você está fazendo?* Já tinha dito a si mesma que não poderia arriscar, mas a esperança era uma coisa tola, que ela se recusava a deixar de lado.

– Não – respondeu ele. – Não preciso me alimentar.

– Sério? – Mesmo ela, uma deusa, precisava de comida. Poderia sobreviver sem, é claro, mas definharia, tornando-se uma mera casca de si mesma. Era por isso que cestas de frutas e pães eram trazidas para ela, uma vez por semana – junto com vários sermões sobre suas muitas falhas. – Como, então, você sobrevive?

– Não tenho certeza. Apenas sei que minha necessidade de comida se encerrou, quando fui instalado aqui. Talvez o fogo e a fumaça me sustentem.

– Então você não sente falta? Dos sabores e texturas, quero dizer?

– Já faz muito tempo desde que eu vi uma migalha de alimento, então é raro eu pensar em comida.

Ela queria alimentá-lo, pensou Kadence. Queria tirá-lo daquele pesadelo e levá-lo a um salão de banquetes com mesas repletas, cheias de comida de todo tipo enfeitando suas superfícies.

Queria ver seu rosto se iluminar de êxtase, quando ele provasse um pouco de tudo. Ninguém devia ser forçado a ficar sem se alimentar.

Quando o rosto dele estava limpo, Kadence voltou sua atenção para seu braço direito. Profundas marcas de garras brilharam na superfície, e ela soube que aquilo deveria estar doendo. No entanto, ela não demonstrava isso nem com gestos, nem com palavras. Não, na verdade, ele parecia... feliz.

– Lamento não ter o remédio certo para aliviar sua dor.

– Você não tem motivo para lamentar. Estou agradecido pelo que está fazendo e espero retribuir de alguma forma, algum dia. Não que eu deseje que você se machuque – completou ele, apressado. – Não desejo que isso aconteça. O horror empalideceu suas feições. – Odiaria se isso acontecesse. De verdade. Só desejo vê-la saudável e inteira.

Os lábios dela se curvaram lentamente em um sorriso.

– Entendo o que quer dizer.

Terminados os seus cuidados, ela pousou as mãos no colo. Não queria sair da posição em que estava, entre as pernas dele, porque uma ideia começou a crescer em sua mente. Talvez ele não estivesse pronto para tirar sua armadura, mas isso não significava que ele recusaria a ela... outras coisas.

E Geryon pareceu gostar de ter suas mãos sobre ele.

Com cuidado, ela começou a conversar.

– Posso lhe fazer uma pergunta, Geryon?

Ele assentiu, hesitante.

– Você pode fazer o que quiser comigo.

Tinha pretendido que as palavras soassem tão sensuais? Tão roucas e densas? Sentiu borboletas em seu estômago.

– Você gosta de mim?

Ele desviou o olhar dela e assentiu mais uma vez.

– Mais do que eu deveria – murmurou em resposta.

Aquelas borboletas se transformaram em corvos, que agitavam suas asas negras de forma selvagem.

– Então eu apreciaria muito se você me beijasse.

Capítulo 12

BEIJÁ-LA?

– Eu não deveria. Não posso. – *O que você está fazendo? Disse a si mesmo que não deixaria a oportunidade passar mais uma vez.* O olhar de Geryon se fixou nos lábios de Kadence. Eles eram excitantes e vermelhos. Brilhavam. Sua boca encheu-se com o desejo de prová-los. Seus chifres, sensíveis às suas emoções, latejaram.

Aqueles lábios lindos formaram uma careta.

– Por que não? Você acabou de dizer que gosta de mim. Mentiu para não ferir meus sentimentos?

Se fosse assim tão fácil...

– Eu nunca mentiria para você. O que eu disse é verdade. Você é linda e forte, a melhor coisa que já conheci na vida.

– Você me acha bonita? Forte? – O prazer iluminou sua expressão. – Então, por que não me beija? *Sim, seu tolo. Quais são seus motivos para agora?*

– Eu vou feri-la. – Ah. Por que ele não tinha pensado nisso antes? Era uma razão irrefutável, e a única garantia de que ele manteria distância daqueles lábios.

O rosto dela se contorceu de forma adorável, demonstrando confusão.

– Não entendo. Você nunca me machucou antes.

– Minhas presas... elas são muito afiadas. – Ele não acrescentou que suas garras também eram venenosas, e sua força, incalculável. E se ele perdesse o controle de si mesmo e a apertasse, o que era uma possibilidade, dado o tamanho de seu desejo por ela, Kadence ficaria machucada. Assustada também. Talvez até mesmo ferida de tal forma que fosse impossível curá-la.

– Estou disposta a correr o risco – disse ela, colocando as mãos sobre as coxas dele e queimando sua alma profundamente.

Ele tanto adorou quanto odiou sua meia armadura naquele momento. Ela o impedia de ter contato com a pele dela, e isso ele odiava. Mas também impedia que Kadence visse as partes mais monstruosas de sua anatomia.

– Por quê? – Que razão ela poderia ter para desejar colocar seus lábios deliciosos em uma coisa tão... pouco desejável?

Uma simples curiosidade não levaria uma mulher a um ato daqueles. Evangeline tinha vomitado quando vira sua mudança de aparência. “Poderia tolerar o que você era, mas não consigo tolerar... isso”, dissera ela, cuspiendo as palavras para ele.

– Porque... – Duas manchas rosadas subiram pelas laterais do rosto de Kadence, mas ela não desviou o olhar.

– Por quê? – perguntou ele, insistindo. Colocou as mãos sobre as dela.

A maciez o fez arfar.

– Você me salvou.

Então ela estava agradecida. Como ele tinha suspeitado – mas não ansiado. Seus ombros despencaram, demonstrando sua decepção.

Ele, seriamente, tinha esperado que ela o desejasse? Não, não tinha desejado isso – mas tivera esperança de que acontecesse.

– Seria desonroso beijá-la por esse motivo.

– Mas eu lhe devo isso.

– Não. Eu a liberto de sua promessa. – *Fazendo tolice de novo!*

– Tudo bem. – Apesar de Kadence permanecer de joelhos, ela se aprumou até que ficaram a um sussurro de distância um do outro. – Faça isso porque estou desesperada, cheia de desejo. Faça porque, de repente, percebi quão rapidamente uma coisa pode ser tomada de mim, e eu desejo provar alguma parte sua antes que eu...

– Antes que você... – Ele conseguiu dizer. Ela estava desesperada? Cheia de desejo? Por ele?

– Faça isso – implorou Kadence.

Sim. Sim. Geryon não conseguiria mais resistir, fosse isso desonroso ou não. Arriscado ou não. Ele seria cuidadoso, prometeu. Tão cuidadoso. Não conseguiria resistir a ela. Inclinou-se, dando fim àquela curta distância que os separava, pressionando sua boca de forma bem suave contra a dela. Um deleite. Kadence não se afastou. Ofegou, entreabriu os lábios, e ele deslizou sua língua entre eles. O gosto dela era tão doce... como uma nevasca depois de um milênio de incêndios.

Ia além do deleite.

– Mais – pediu ela. – Mais fundo. Mais intenso.

– Tem certeza? – *Por favor, por favor, por favor.*

– Mais do que nunca.

Graças aos deuses. Séculos se passaram desde que beijara uma mulher e nunca tinha sido dessa forma, mas Geryon começou a pressionar sua língua contra a dela, e elas se moviam juntas, retraindo-se, depois querendo mais. Quando sentiu suas presas arranhá-la, ficou tenso. E, quando ela gemeu, tentou se afastar, mas os braços dela deslizaram pelo peito dele, uma das mãos o segurando pelo pescoço, a outra acariciando um de seus chifres. O carinho foi tão íntimo que ele teve de apertar as próprias coxas, afundando as garras em sua carne, para mantê-las longe dela.

– Gostou? – Kadence quis saber.

– Sim – respondeu ele, com alguma dificuldade.

– Que bom. Eu também. – Seus seios deliciosos pressionavam o peito dele, e os mamilos dela estavam duros e excitados.

Ela realmente tinha gostado de seu beijo? Ele sentiu alguns tremores o abalarem. Seus lábios já começavam outra dança, seus músculos enrijeciam contra a tensão do que restava, assim como ele. A cada momento que passava, com cada gemido de Kadence, o controle de Geryon ficava um pouco

menor. Ansiava por deitá-la no chão, colocar-se sobre ela e se impor ao seu corpo, tão fundo que marcaria como seu cada centímetro dela. Seria o dono de cada uma de suas células.

Mais, mais, mais. Ele precisava de mais. Precisava de tudo.

Já tinha dado tudo.

Aquele entendimento se abateu sobre ele.

– Pare – ordenou, por fim. – Devemos parar. – Ele se levantou, afastou-se dela, já lamentando a perda de seu gosto. Tremendo. Manteve-se de costas para ela, ofegando, com o coração batendo disparado.

– Eu fiz alguma coisa errada? – perguntou ela, tão suave, e havia preocupação em sua voz.

Ah, sim. Você roubou um coração que eu não poderia me dar ao luxo de perder.

Ele tinha prometido nunca mentir para ela; portanto, tudo que disse foi:

– Venha. Já esperamos o bastante. Temos alguns demônios para caçar.

Capítulo 13

ENTRARAM NO primeiro lugar que encontraram: uma taverna. Uma taverna que realmente atendia aos deuses, onde o sangue era servido no lugar do álcool e as refeições eram compostas de partes de corpos. Kadence tinha conhecimento de que tais lugares existiam nas profundezas, mas, ainda assim, aquilo a chocou. Demônios, agindo como seres humanos. De um jeito bem esquisito.

Ela e Geryon tinham caminhado mais de três quilômetros, desde a entrada do poço até ali. Três quilômetros de caminhada que ela usara para recordar-se daquele beijo intenso, amaldiçoando Geryon por interrompê-lo e afligindo-se pelas razões que ele tivera para fazer isso.

Ao longo de sua vida sem fim, Kadence tinha acolhido apenas três amantes em sua cama, e todos os três eram deuses. Se nem mesmo deuses tinham sido capazes de lidar com ela, Geryon não conseguiria fazê-lo, de forma alguma. Mas Kadence tinha esperança. Pela primeira vez, durante aquele curto intervalo, não se preocupara em controlar sua própria natureza, abandonando-se nos braços dele e aproveitando o momento. E, ah, como tinha aproveitado! O gosto dele era divino; sua língua, quente e molhada; seu corpo, uma obra de arte e músculos. Kadence desejou tanto que ele a tocasse. Que a despisse e penetrasse. Que a tomasse, que a tornasse dele.

Geryon, porém, tinha se afastado dela, assim como os outros fizeram.

Sou tão terrível? Uma pessoa tão horrível?

Mais do que os outros, ela desejava que Geryon tivesse prazer com ela, porque gostava mais dele. Gostava de como se sentia quando estava com ele. Gostava de como se sentia quando ele estava por perto. Digna. Preciosa. Mas, em vez disso, ela o havia... enojado? Repelido? Falhara completamente ao tentar excitá-lo?

– Fique ao meu lado – disse ele, ao empurrar as portas duplas de vaivém da taverna. Aquelas foram as primeiras palavras que ele dizia desde que lembrara a ela da busca que deveriam empreender. – E mantenha sua cabeça coberta pelo capuz. Só para garantir. Você é versada em encantamentos, não é?

Sua voz era profunda e áspera, e acariciou cada um de seus sentidos hipersensíveis. Com certeza ela não o enojara. Com certeza, não o repelira. Ele tivera de se conter durante o beijo, e tivera de interrompê-lo, mas, quando olhara dentro dos olhos dela, fizera com que se sentisse a única mulher do mundo. A mais bela, a mais desejada. Um tesouro, algo para ser guardado com cuidado.

Ele esperou um instante antes de dizer:

– Kadence? – Limpou a garganta. – Deusa?

– Vou lançar um encantamento em mim mesma e permanecer ao seu lado – disse ela a ele, apesar de, dentro do peito, choramingar: “Diga-me por que você continuamente me afasta”. Tudo o que ela desejava era se aproximar dele.

Geryon não queria o mesmo, é claro. Ele balançou a cabeça e deu um passo adiante.

Kadence permaneceu bem junto dele, como prometido, projetando mentalmente a imagem dos ossos e escamas. Qualquer um que olhasse em sua direção poderia pensar ter visto um de seus companheiros. Ela só desejava que também tivesse conseguido camuflar seu medo. Aquele bando não hesitaria em devorar um de seus iguais.

Gargalhadas zombeteiras e gritos cheios de dor imediatamente a atingiram. Engolindo em seco, Kadence correu os olhos pela sala. Tantos demônios... Eles existiam de todas as formas e tamanhos. Alguns eram idênticos à imagem que ela projetava, totalmente ossos e escamas. Alguns eram metade homem, metade touro. Alguns tinham asas de dragão, e focinhos, também. E estavam todos reunidos em torno de uma enorme mesa de pedra. A mesa estava se movendo?

Não, a mesa não estava se movendo, ela percebeu, sendo tomada por uma onda de horror que a envolveu como um terrível abraço que quase esmagou seus pulmões. Havia espíritos humanos sobre a mesa. Os demônios os rasgavam e comiam seus interiores. Oh, queridos deuses.

Infelizmente, não havia paz para os condenados. Somente infundável tortura.

– Que coisa horrenda – disse ela, sem conseguir se conter. – Como podemos derrotar uma horda dessas criaturas?

– Bem, tudo o que podemos fazer é tentar.

Sim. Infelizmente, não tinham certeza de que seriam bem-sucedidos. *Mas eu disse a Geryon que o protegeria, e farei isso.*

– Por aqui. – Ele se dirigiu para a lateral do salão, fora do caminho, e Kadence sabia que Geryon agia assim para que pudessem observar os acontecimentos sem chamar atenção.

– As criaturas que você vê aqui são sequazes, soldados e servos. Não será com eles que iremos lutar.

É isso mesmo, ela pensou, sentindo-se zozza. Violência, Morte e os outros eram Lordes Demônios. Apesar de os capangas se deleitarem com a agonia de suas presas, seu objetivo principal era a saciedade de uma única necessidade básica: a fome.

Para os Lordes, apenas a agonia importava. Gostavam de prolongá-la, aumentando-a até alcançar as profundezas da insanidade. E, quanto mais agonia infligiam, quanto mais gritos provocavam, mais fortes se tornavam.

Ah, sim. Eles eram muito piores do que qualquer daquelas criaturas que a cercavam.

Jamais seria capaz de manter Geryon seguro.

Capítulo 14

— CHEIRA BEEEEEM, cheira a medo! — Sem aviso, uma criatura rosnou ao lado de Kadence. — Humm, faminto.

Assustada, ela arfou. *Eu já me denunciei?* Tinha acabado de decidir que deveria fazer alguma, qualquer coisa para obrigar Geryon a voltar ao portão. E, agora, isso. Inferno. *Não*, ela pensou.

Geryon tentou puxá-la para trás, mas ela resistiu. Dessa vez não recuaria, forçando-o a fazer todo o trabalho duro e assumir todos os riscos. Dessa vez, ela lutaria.

— Afaste-se ou morra — disse ao demônio.

Ele franziu a testa.

— Você se parece comigo, entããã, por que seu cheiro é tão booom? — O demônio lambeu os lábios, com saliva gotejando dos cantos da boca fina como papel. O corpo dele era coberto de escamas amareladas e ele mal chegava ao umbigo dela. E, apesar de parecer esguio, Kadence suspeitava que escondesse uma força considerável abaixo daquelas escamas.

Ela estremeceu. *Lembre-se de quem você é. Lembre-se do que pode fazer.*

A criatura chegou ainda mais perto.

— Gosssstoso...

— Você foi avisado — disse ela, preparando-se para agir.

— Espere lá fora, Kadence. Por favor. — Geryon tentou mover-se a fim de ficar na frente dela. — Eu resolvo isso.

Ela o bloqueou, sem encará-lo.

— Não. Você não vai lutar sozinho com essas criaturas.

Enquanto falavam, o demônio continuava a avançar lentamente na direção deles, alongando suas garras.

— Por favor, Kadence. — Geryon tentou fazer com que ela se movesse. — Preciso saber que você está segura. Caso contrário, vou me distrair, e um guerreiro distraído é um guerreiro derrotado.

Eles não seriam derrotados.

— Não posso agir de forma covarde. Não mais. Além disso, se minha estratégia funcionar, você sequer terá de lutar com ele. — Ela era a administradora do inferno. Estava mais do que na hora de se comportar como tal. Estava mais do que na hora de deixar de ser uma mera expectadora e agir.

– Não concordo com essa abordagem. Não quando se trata de sua segurança.

Ela não teve tempo de se deleitar com a preocupação dele. A qualquer momento, a criatura encerraria suas ameaças e passaria para a ação. Kadence sabia disso, podia sentir. Buscou coragem dentro de seu peito enquanto abaixava a cabeça para olhar dentro dos olhos do demônio, abismada pela facilidade com que encontrou suas forças. Não deveria, porém, se surpreender. Kadence podia ter tentado suprimir seu poder, mas ele estivera sempre lá, nunca silente, um mar agitado dentro de seu peito.

Não havia a briga na qual Geryon estivera envolvido provado isso?

– Fique! – ordenou ela, e a criatura entancou, a mente ainda ativa, mas cada centímetro daquela forma física sob o jugo do comando de Kadence.

Por um longo momento, ela simplesmente deixou fluir seu poder, espantada. *Eu fiz isso.* O demônio não fez sequer uma nova tentativa de se aproximar dela, ainda que uma intenção assassina brilhasse em seus olhos pequenos e arredondados.

– Alguma coisa aconteceu aqui – disse Geryon, parecendo confuso.

– Eu aconteci – disse ela, orgulhosa de si mesma. – Atenção! – disse ao demônio. – Erga seus braços acima da cabeça.

Ele obedeceu instantaneamente, atirando os braços para o ar sem uma palavra de queixa. Ora, então tinha o domínio sobre a boca dele, também.

Foi tomada por uma onda de alegria. Pela primeira vez usava seu dom para fazer o bem: salvar alguém que muito a... admirava. *Oh, queridos deuses.* Amor? Será que ela amava Geryon? Ela amava estar com ele, amava o jeito como ele a fazia sentir-se, mas será que isso queria dizer que havia entregado seu coração a ele? Certamente não. Certamente ela não era tão tola.

Em breve tomariam caminhos diferentes.

– Olhe, Kadence. – Geryon apontou para a mesa. – Veja o que aconteceu.

Ela olhou na direção que o dedo dele indicava e ofegou.

Cada um daqueles demônios estava paralisado, sem se mexer, as mãos paradas no ar. Mesmo os espíritos tinham parado de se contorcer. Não havia mais risada e nem gritos. Apenas o som de sua própria respiração podia ser ouvido.

– Você fez isso? – perguntou Geryon.

– Eu... Sim.

– Estou impressionado. Admirado.

A alegria que ela sentia se intensificou. Ele a admirava. Talvez estivesse até mesmo orgulhoso dela.

– Obrigada.

– Eles podem me ouvir? – Quando ela assentiu, Geryon abriu um sorriso lento e gritou para as criaturas:

– Ouçam-me bem. Sigam em frente e avisem a cada Lorde Demônio que o guardião está aqui e que eu pretendo destruí-los. – Para Kadence, ele acrescentou: – Você pode liberá-los agora.

– Você tem certeza? Eu poderia ordenar que seus corpos murchassem e que morressem. E aqueles corpos me obedeceriam. – Ah, o poder... que coisa sublime.

– Tenho certeza disso. Mas eles estão aqui para punir; assim sendo, servem a um propósito. Mais do que isso, eles trarão os Lordes Demônios até nós.

Apesar de querer protestar, Kadence fez o que lhe foi pedido. Em um piscar de olhos, as criaturas estavam correndo para fora da taverna o mais rápido que conseguiam, deixando ela e Geryon sozinhos.

– Temos de nos preparar – disse Geryon severamente.

– Para...?

– Guerra.

Não haveria modo de fazê-lo desistir, ela percebeu. A menos que ordenasse a ele para voltar. Isso ela poderia fazer, e Geryon seria obrigado a obedecer. Poder... Mas ele voltaria, Kadence tinha certeza disso. Havia determinação demais naqueles olhos ardentes.

Você pode protegê-lo agora, ela pensou em seguida, e sorriu.

– Guerra – disse ela, assentindo. – Isso soa bastante divertido.

Capítulo 15

GERYON FORTIFICOU a taverna contra o ataque da melhor forma que foi capaz, dada a falta de material e ferramentas. Kadence permaneceu ao seu lado, dando uma ajuda espiritual sempre que necessário, forçando as tábuas e pedras a se curvarem à sua vontade. Ele notou que ela ficava mais pálida a cada minuto que passava. Uma palidez muito mais impressionante, quando comparada à autoridade que exercera sobre aqueles demônios. Por que ela estava enfraquecendo?

Teria ele o direito de perguntar? Pois aquela palidez crescente não parecia fruto de uma exaustão corriqueira. Parecia fruto de outra coisa. Algo mais profundo. Kadence era uma deusa, afinal.

– Qual é o nosso plano de batalha? – perguntou ela quando terminaram, descansando contra a parede oposta. O único lugar sem sangue... ou outras coisas.

Mantê-la viva, empregando quaisquer meios necessários. Ele se juntou a ela, tomando cuidado para não a tocar. Um toque, e ele a puxaria de volta para seus braços. Ele precisava estar alerta, em guarda.

– No momento em que eles entrarem, você vai enfeitiçá-los para que permaneçam imóveis e eu vou matá-los com o meu veneno.

– Rápido e fácil – disse ela, com uma nota de satisfação na voz.

Geryon ficou surpreso ao notar que ela não estava mais temerosa, apesar de sua demonstração de poder. Talvez porque ele a quisesse temerosa. Somente um pouco, apenas o suficiente. Essa era a única maneira de mantê-la fora da ação. Segura.

– Mas precisamos esperar até que todos estejam aqui; caso contrário, os retardatários ouvirão o massacre que vamos promover e fugirão. E, se eles fugirem, jamais seremos capazes de encontrá-los.

Ela absorveu suas palavras.

– Quanto tempo você acha que teremos antes que comecem a chegar?

– Algumas horas. Vai levar um tempo para que a notícia de minha chegada e de minhas intenções se espalhe. Mais ainda para que os Lordes congreguem suas forças e planejem um ataque. – Geryon correu as garras pela superfície de uma tábua no chão para extinguir a maldição gravada ali, fazendo esvoaçarem lascas de pedra.

– Tenho uma pergunta para você.

– Pergunte.

Ele se atreveria?

Sim, pensou, observando aquela beleza. Ele se atreveu.

– Entendo o motivo que levou Lúcifer a desejar que você destrua os demônios que tentam escapar do inferno e, assim, evitar que todos os outros demônios os sigam, mas por que isso importa tanto para você? Você nasceu nos céus. Poderia estar saltitando por lá, em meio às nuvens, saciando-se com ambrosia.

– Muitas vezes tive desejo de voltar. Mas de bom grado concordei em levar a cabo essa tarefa e, assim, devo cumpri-la. Além disso, quando concordei em adentrar esse reino, tornei-me... ligada a ele.

– Ligada a ele? O que você quer dizer?

– Se a muralha ceder, eu... vou morrer.

Ela morreria?

– Por que você não me disse antes? – rosnou Geryon. – E por que você se ligaria a uma coisa daquelas? Por que você viria para cá por livre e espontânea vontade?

Ela torceu o tecido de seu vestido.

– Se eu tivesse permanecido nos céus, teria sido punida a cada minuto de todos os dias. Ninguém é mais cruel a esse respeito do que os deuses. Eles me queriam aqui, então para cá eu vim. Mas não fazia ideia de quão permanente a ligação se tornaria. Quão poderosa. Quanto ao motivo de eu não ter lhe contado antes... – Ela deu de ombros. – Você obteve permissão para finalmente deixar o seu posto e, ainda assim, escolheu me ajudar. Eu não queria sobrecarregá-lo ainda mais. Agora me salvou mais uma vez, e não desejo mentir para você. Ainda que seja por omissão.

– Kadence – disse ele, depois balançou a cabeça. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Que ele poderia perdê-la, incapaz de fazer alguma coisa a respeito disso. – Eu deveria ter permanecido dentro do portão, sem você, e exterminado os Lordes quando eles se aproximassem. Agora, a muralha está sem proteção, e você corre mais perigo do que nunca.

– Não. Eles teriam visto você e permanecido afastados, porque não há nenhum lugar para se esconder acima do poço.

– Por mim, não haveria problema. Isso teria mantido você a salvo.

– Mas essa vida não é para você, viver à espreita, eternamente esperando por alguma coisa.

– É a vida com a qual estou acostumado. – Verdade. Mas saber que o que fizera tinha sido por ela... Não havia propósito maior.

– Mas você merece mais! – Desviando o olhar, Kadence correu a ponta do dedo sobre a área que ele havia arranhado.

– Tivemos de fazer o que fizemos. Ou melhor, eu tive. Mas quero que saiba que, se eu não aguentar, a parede vai permanecer como está, porque ela não está ligada a mim. Sei disso porque fui ferida muitas vezes ao longo de todos esses anos e elas não mostram o menor sinal de terem sofrido algum dano.

– Eu não me importo com a maldita muralha! – Verdade, mais uma vez.

Kadence arregalou os olhos. Em seguida, engolindo em seco, continuou como se ele não tivesse falado nada. Ou gritado.

– Sem mim, não haverá quem sinta quando alguma coisa não estiver bem. Os deuses terão de encontrar alguém novo. Sei que está livre agora, mas você concordaria em ficar lá, vigilante, até que tal pessoa seja encontrada? Ainda que Lúcifer já tenha nomeado um novo guardião?

– Você não vai morrer, droga. Agora me diga por que Lúcifer permitiu que você entrasse. Claramente, ele precisa de você do lado de fora.

Um tom rosado tomou o rosto dela. Constrangimento? Culpa?

– Ele também precisa de sua muralha protegida a qualquer custo. – Culpa, quase que certamente. Estava ali, na voz dela, ecoando na muralha.

– Ele poderia ter exterminado ou aprisionado os Lordes Demônios.

– Se conseguisse apanhá-los.

Geryon não queria, mas assentiu.

– Preciso concordar com você. – Ele tamborilou dois dedos no queixo, ponderando sobre a situação. – Lúcifer não permite que qualquer coisa aconteça, ainda que seja algo de que ele precisa, sem exigir alguma espécie de pagamento em troca. – O que significava que Kadence tivera de pagá-lo de alguma maneira. – O que ele exigiu de você? E por que cedeu a você meus serviços? Por que libertou minha alma? E onde está minha alma agora, se Lúcifer não a tem? – Enquanto formulava as perguntas, algumas das respostas se formavam em sua mente. Geryon emitiu um rosnado grave. – Você me comprou dele.

O tom rosado no rosto dela se intensificou.

– Geryon, eu...

– Não é?

– Sim – sussurrou ela. Suas pálpebras se fecharam, seus cílios compridos lançando sombras em sua pele pálida. Uma de suas mãos se ergueu para alcançar a ametista que oscilava entre seus seios. – E eu não lamento isso.

Era sua alma dentro daquela pedra?

– Você barganhou por minha alma... Com... Usando a si mesma como pagamento? – Se fosse esse o caso, ele poderia matar o príncipe antes de permitir que colocasse um dedo maldoso no corpo precioso daquela mulher.

Houve uma pausa, e ela lentamente abriu os olhos.

– Não. Não tenho desejo de falar sobre isso.

– Não me importo. Conte-me. – Havia raiva se acumulando dentro dele. Raiva dela, de Lúcifer, dele mesmo, de que isso pudesse ter acontecido. Do que aquela adorável mulher teria aberto mão? Por que ela o fizera? Ele colocou a mão sobre a dela, não para mantê-la no lugar – poderosa como ele agora sabia que Kadence era, duvidava que pudesse fazer isso –, mas para oferecer segurança. Ele estava ali, e não iria a lugar algum. Nada do que Kadence dissesse o faria deixá-la. – Por favor.

O queixo dela tremia.

– Eu... Eu lhe dei um ano na Terra, sem obstáculos, para fazer o que quisesse.

– Oh, Kadence – disse Geryon, sabendo que os outros deuses teriam de honrar a barganha feita por ela – e que a fariam pagar por aquilo. Tudo o que havia em seu peito revoltou-se ao chegar a essa conclusão. *Se eles a machucarem... Você não poderá fazer coisa alguma. Tolo impotente.* – Por que você faria uma coisa dessas? – perguntou, em um sussurro selvagem. *Não, não se mova.* Ele não poderia fazer isso.

Havia lágrimas represadas nos olhos dela.

– Para salvar você. Para me salvar. Para salvar o mundo que está além do nosso alcance. Não pude pensar em qualquer outro caminho. Consertar os estragos que ele causasse em um único ano não

parecera muita coisa para barganhar, quando comparado a uma eternidade de demônios circulando livremente. – Sua boca se abriu, mas em vez de palavras ela deu um grito de dor.

Rápido como um estalar de dedos, sua pele foi lavada de toda a cor e ela se curvou.

Geryon foi tomado pela preocupação.

– O que há de errado, minha querida? Diga-me.

– Os demônios... Eu acho... Acho que eles estão se aproximando da muralha. Acho que estão me matando.

Capítulo 16

TERIA LÚCIFER CONTADO aos demônios sobre a ligação dela com a muralha?, perguntou-se Kadence, enquanto a dor parecia rasgá-la. Em vez de ir até ali para guerrear, tinham se dirigido à muralha. Por que fariam tal coisa, a menos que soubessem que isso a enfraqueceria, levando-a à morte?

Ou, talvez, tivessem esperança de atrair Geryon, deixando Kadence ali, sozinha e vulnerável a uma emboscada. Ou será que desejavam que ela fosse até eles? Muitas alternativas. Todas elas sombrias.

O príncipe provavelmente considerava toda aquela situação extremamente divertida. Ele provavelmente... Um pensamento lançou raízes em sua mente, quase a paralisando. Se fosse morta, ele poderia ter mais do que o ano acordado sobre a Terra, para o escambo de almas, causando incalculáveis estragos. Lúcifer poderia ter a eternidade se assim o desejasse, podendo levar consigo seus demônios, reinando sobre seus sequazes e seres humanos.

Ele era um deus, irmão do soberano. Assim sendo, nada poderia garantir que seria capturado e enviado de volta.

Claro. O plano perfeito. Ele planejava que Kadence fosse até ali. Queria que ela levasse Geryon com ela. Queria que ambos – seus únicos opositores – morressem.

Oh, deuses. Kadence se sentiu enjoada ao perceber que havia, involuntariamente, sido útil a Lúcifer a cada passo do caminho. *Que tipo de idiota eu sou?* Mais do que enjoada, ela se sentiu muito envergonhada.

Tão fácil. Tornara tudo tão fácil para ele.

– Kadence, fale comigo. Diga-me o que está errado – insistiu Geryon. De joelhos, ele se colocou diante dela, entre suas pernas. Uma de suas garras, suavemente e com ternura, afastou a mecha de cabelo úmido agarrada à sua testa.

Ergueu seu olhar até alcançar os olhos dela. Ao perceber toda a preocupação que transbordava de seus belos olhos castanhos, o enjoo e a vergonha a abandonaram – a dor, porém, permaneceu. Subitamente, não podia lamentar as escolhas que fizera. Não importava o que acontecesse, ele estaria livre. Aquele homem orgulhoso e forte seria, finalmente, livre. Como sempre merecera.

– Eu... estou... bem – arquejou ela. Ah, deuses, ela se sentia sendo estraçalhada por dentro, como se seus órgãos estivessem sendo rasgados em tiras.

– Não, você não está. Mas vai ficar. – Ele a tomou em seus braços e levou-a para os fundos. Havia um quarto que devia ser usado pelo proprietário. Ele a deitou sobre um frágil palete coberto de pele. – Posso? – perguntou Geryon, tocando a ametista que abrigava sua alma.

Kadence tinha planejado dá-la a ele uma vez que sua missão estivesse concluída, um presente por todo seu auxílio, mas ela assentiu. Naquele instante, havia uma boa chance de que não tivesse condições de completar coisa alguma.

– É a minha alma que reside aí dentro?

– Sim. Tudo o que você deve fazer é manter a pedra sobre o coração.

– Simples assim?

– Sim – repetiu Kadence. Não era capaz de falar mais.

Devagar, com cuidado, ele passou a corrente que sustentava a pedra pela cabeça dela, colocando-a sobre o seu coração, como Kadence instruíra. Fechou os olhos. Era provável que ele estivesse inseguro quanto ao que aconteceria em seguida.

E, em um primeiro momento, nada aconteceu. Então, gradualmente, a joia começou a brilhar.

Um esgar tomou o rosto de Geryon, e ele grunhiu.

– Isso queima.

– Eu vou segurá-la para v...

O brilho explodiu em milhares de pontos de luz, e ele deu um grito de surpresa.

Depois que o último eco soou, tudo se acalmou. As luzes esmaeceram. Só a corrente que sustentara a joia manteve-se em sua mão.

Seu esgar transformou-se em um sorriso quando seus olhos se abriram.

Mas, quando ele observou o próprio corpo, a carranca voltou, mais profunda, mais intensa.

– Eu deveria ter... eu não... Eu tinha esperança de voltar à minha antiga forma.

– Por quê? – Ela o amava assim como ele era. Chifres, presas, garras e tudo. Espere um momento... amava? Ah, sim. Ela o amava. Isso era inquestionável.

Kadence havia considerado a questão antes, mas tinha descartado a ideia. Agora, não poderia haver descarte. O sentimento estava lá, incontestável, inegável como a Morte encarando-a com atenção.

Nenhum homem jamais havia sido tão perfeitamente adequado para ela. Geryon não se mostrava desgostoso pela natureza dela, mas se deleitava com isso. Ele não temia o poder que Kadence possuía, mas orgulhava-se das habilidades que tinha. Muito lhe aprazia a presença dela, divertia-o, tentava-o.

– Nutro esperanças de que... que... – Ele engoliu em seco. – Que, se você se ligar a alguma outra coisa, algo além da muralha, talvez seus laços com ela enfraqueçam e sua força retorne. Talvez a dor venha a diminuir.

Alguma outra coisa?

– Você? – perguntou Kadence, subitamente sem fôlego por razões que nada tinham a ver com a dor.

– Sim. Eu. Eu entenderia se você não escolhesse fazer uma coisa dessas. Minha intenção era apenas oferecer-lhe uma alternativa, e assim...

– Geryon?

– Sim?

– Cale-se e me beije.

Capítulo 17

GERYON PERMANECEU onde estava, com o olhar longe dos olhos dela.

– Primeiro, quero que me ouça. Sei que sou feio. Eu sei que a mera ideia de ficar comigo intimamente é abominável, mas eu...

– Você não é feio! – exclamou Kadence. – E não me agrada que pense assim. Não gosto quando você denigre a si mesmo de tal maneira.

A atenção dele se voltou imediatamente para ela, o espanto brilhando em suas feições.

Kadence continuou:

– O pensamento de estar com você é bem-vindo. Juro. Agora podemos nos beijar?

Então, a boca dele abriu-se e se fechou novamente.

– Bem-vindo?

Ela não deveria se sentir assim.

– Sim. Porém, não quero que você fique comigo simplesmente para me salvar. – Ela tivera, uma vez, muito medo de admitir que ansiava pelo corpo dele, fingindo que apenas um beijo a satisfaria. Não haveria mais fingimento. – Desejo que você queira realmente ficar comigo. Porque eu ... eu quero você dentro de mim, tornando-se parte de mim, mais do que desejo o porvir. Quero ser sua mulher, agora e sempre.

Antes que Geryon pudesse responder, outra onda de dor correu pelo corpo dela, cobrindo-a como granizo envenenado, fazendo com que ela se dobrasse sobre si mesma.

Outra rachadura tinha encontrado seu caminho através da muralha, ela podia vê-lo em sua mente.

– Geryon – ofegou ela. – Você deve tomar sua decisão.

Seu olhar correu sobre ela.

– Certa vez, jurei que, se tivesse a sorte de recobrar minha alma, não iria, por razão alguma, usá-la novamente em uma barganha. Mas dou-me conta agora de que a trocaria de bom grado, Kadence, por você. Assim sendo, sim, quero fazer isso. Agora podemos nos beijar.

ENQUANTO SUAS BOCAS se descobriam, famintas, Geryon lentamente livrou Kadence de seu manto, cuidando para não a machucar com suas garras. Ela já estava com dor e ele duvidava que pudesse

suportar muito mais. Linda, preciosa mulher. Ela merecia apenas prazer.

Por alguma razão, Kadence o desejava. Para todo o sempre. Juntos. Ela lhe devolvera a coisa que Geryon julgara mais valorizar – sua alma –, mas não sabia, até vê-la curvando-se de dor, que existia algo que valorizava ainda mais. Muito, muito mais. Ele desejava tomar a dor dela para si. Por ela, faria qualquer coisa. Kadence não se importava com o fato de ele ser uma besta. Ela via o coração dele, e gostara do que via.

Incrível.

Quando ela estava nua, ele se afastou e bebeu-a com o olhar, sua pele de alabastro levemente tocada por um doce tom rosado. Seios exuberantes, cintura curvilínea, um umbigo que sua boca ansiava provar. Pernas que se estendiam por quilômetros. Ele inclinou-se e lambeu um de seus mamilos, correndo sua língua ao redor do bico delicioso, suas mãos percorrendo, em todas as direções, aquela pele macia.

Quanto mais se aproximavam seus dedos da fonte de sua feminilidade, mais ela ronronava baixinho, cheia de prazer, a dor aparentemente obliterada pelo deleite.

– O prazer... ele está substituindo a dor – sussurrou ela, confirmando seus pensamentos.

Graças aos deuses. Geryon concentrou-se, então, no outro mamilo, sugando-o com sofreguidão, para depois prendê-lo entre suas presas, mordiscando-o gentilmente. Ela gemeu.

– Isso ajuda? – E, ao mesmo tempo, ele a acariciava com os dedos, sem realmente tocá-la, apenas provocando-a. Será que estava fazendo direito? *Por favor, deuses, permitam que eu esteja fazendo a coisa certa!*

– Sim, isso ajuda. Mas quero vê-lo – disse ela, lançando um olhar curioso à armadura dele.

Geryon ergueu a cabeça e olhou em seus olhos.

– Você tem certeza? Eu poderia tomá-la sem retirar uma única peça de minha armadura.

– Quero você inteiro, Geryon. – Suas feições se iluminaram. – Você inteiro.

Preciosa, querida mulher.

– Tudo o que você deseja, você deve ter. – Ele só esperava que ela não mudasse de ideia quando o visse.

– Não tema a minha reação. Você é lindo para mim.

Ah, palavras tão doces. Mas... Ele tinha vivido com suas inseguranças por muito tempo; elas eram parte dele.

– Como posso não temer? Olhe para mim. Sou uma besta. Um monstro. Uma coisa a ser temida e injuriada.

– Eu estou olhando para você e você é algo a ser elogiado. Você pode não ter a aparência de outros homens, mas tem força e coragem. Além disso – acrescentou ela, lambendo os lábios –, magnetismo animal é uma coisa muito boa. Agora, mostre para sua futura noiva o que ela deseja ver.

Capítulo 18

GERYON tirou seu colete e o jogou para o lado, o peito musculoso coberto de cicatrizes e pelos, revelando sua estrutura sólida e impressionante. Suas mãos tremiam enquanto ele retirava a armadura e desenrolava a faixa de couro que cobria sua cintura, revelando lentamente seu desejo endurecido, e suas coxas tonificadas e peludas cheias de marcas de batalhas.

Ele ficou tenso, à espera do inevitável suspiro de horror, mesmo que Kadence tivesse acabado de declarar a atração que sentia pelo que ela chamava de seu “magnetismo animal”.

– Que lindo – disse ela com reverência. – Um verdadeiro guerreiro. Meu guerreiro. – Ela estendeu a mão e correu os dedos sobre os pelos dele. – Tão macios. Eu gosto. Não, eu adoro.

Um gemido escapou dos lábios entreabertos de Geryon e ele ofegou, percebendo agora que estivera prendendo a respiração.

– Kadence. Doce Kadence – murmurou ele. Ela era... ela era... tudo. O que ele fizera para merecê-la? Se já não estivesse apaixonado por ela, teria se apaixonado naquele momento.

– Quero provar você.

– Por favor.

Enquanto a mais potente trovoadade de desejo que Geryon já experimentara ecoava dentro dele, ele beijou todo o corpo dela, torso abaixo, parando apenas para mergulhar a língua dentro de seu umbigo.

Ela tremia. Quando Geryon alcançou o ápice de suas coxas, ele a venerou e ao seu corpo, sorvendo, lambendo, mordiscando e acariciando, e o estremecimento a fez contorcer-se sob ele.

– Oh, que coisa maravilhosa – disse ela, quase sem ar, acariciando o cabelo dele. – Não pare. Por favor, não pare.

Geryon podia sentir o poder dela envolvendo-o, tentando conduzir suas ações. Ele não tinha certeza se ele poderia desobedecê-la, e não se importava. Queria devorá-la, possuí-la, e foi isso que fez.

Só quando ela se perdeu no êxtase, gritando seu prazer, ele encaixou seu corpo ao dela. Sentia-se orgulhoso e honrado por tê-la levado ao clímax. Mas agora tremia por si mesmo, seu corpo em chamas. Desesperado. Dolorido. Por ela, só por ela.

– E a dor?

– A dor se foi.

A possibilidade de que aquela união a salvasse podia ter sido a razão pela qual Geryon ousara abordar o assunto, mas ele nunca tinha se sentido tão feliz. Ela seria dele. Ela viveria.

Com as pernas enroladas em torno dele, Kadence segurou seu rosto, olhando profundamente em seus olhos.

– Por favor, não mude de ideia. Preciso ter mais de você.

Ele estava como que mesmerizado, percebeu então, pairando junto ao corpo dela, sem penetrá-lo.

– Nunca mudei de ideia. Preciso ter você. Pronta?

– Sempre.

E ele a tomou, entrando alguns centímetros em seu corpo. Abençoados centímetros. Parou, dando-lhe tempo para se adaptar. Ele iria devagar, ainda que aquilo o matasse. E poderia matá-lo. Era uma tortura. Mas precisava tornar a experiência boa para ela também, a melhor que pudesse.

– Por que não sinto a necessidade de dominar você? – ronronou ela na orelha dele, mordendo seu lóbulo.

Doce fogo.

– Era assim que acontecia com os outros? – O suor da antecipação do imenso prazer que ele sentiria pingava sobre ela.

Kadence assentiu, arqueando seus quadris para tê-lo mais dentro dela.

Mais alguns centímetros.

Ele teve de impedir-se de gemer.

– Meu coração é tão completamente seu que talvez não reste nada para você controlar.

– Oh, Geryon. Por favor. – Ela acariciou seus chifres, circulando os dedos pelas pontas afiadas. – Faça-me completamente sua. Dê-me tudo.

Ele não poderia negar-lhe coisa alguma.

Liberando seu desejo do rígido controle sob o qual o mantinha, ele mergulhou seu corpo dentro do dela. Fez com que ela gritasse, e não de dor, ele percebeu, mas de alegria.

As almas deles – ele tinha uma alma, ele realmente tinha uma alma – dançavam juntas, entrelaçando-se, unindo-se, dando prazer uma à outra. Sim. Sim. De novo e de novo ele investiu contra ela, completando-a, dando-lhe tudo o que tinha. Suas vontades se misturaram tão completamente que era impossível dizer quem desejava o quê.

O prazer era o único objetivo.

As garras dele deixaram marcas no chão junto à cabeça dela, suas presas a arranharam, mas Kadence adorou tudo, instando-o, implorando por mais. E, quando ele se derramou dentro dela, ela se fechou em torno dele em seu próprio desvario de prazer, agarrando-se a ele, enquanto Geryon, levado por própria onda de satisfação, gritou as palavras que vinham crescendo dentro de seu peito desde o instante em que a conhecera.

– Eu amo você!

Para sua surpresa, ela também gritou:

– Oh, Geryon. Eu também amo você.

Eles estavam unidos.

Estavam ligados.

VESTIRAM-SE RAPIDAMENTE. Kadence ainda se sentia fraca, mas pelo menos a dor a deixara.

– Eles ainda estão no portão? – perguntou Geryon. Ele estava pronto para acabar com aquilo. Para tirá-la daquele reino e cuidar dela para sempre.

E se ela ainda não pudesse sair?

Essa ideia pairou sobre sua mente, mas ele a ignorou. Finalmente ele teria um final feliz. Porque estariam juntos. Porque se amavam.

– Oh, sim – disse Kadence. – Eles estão febrilmente tentando abrir caminho.

Geryon beijou seus lábios, regozijando-se com o novo sabor dos lábios da mulher que amava.

– Vamos até lá. No momento em que você puser seus olhos sobre eles, enfeitiçando-os para mantê-los imóveis, farei o resto.

– Espero que isso funcione – disse ela –, porque eu não poderia suportar o pensamento de ser separada de você.

Ele também não suportaria.

– Vai funcionar. Precisa funcionar.

Capítulo 19

A CAMINHADA LEVOU uma lenta e tortuosa hora, e eles fizeram apenas um pequeno intervalo durante o caminho. De repente, Geryon percebeu que já estavam a alguns metros da muralha. Quando se deu conta da carnificina à sua volta, não conseguia acreditar em seus olhos. Os demônios tinham investido contra a muralha com tanto fervor que haviam sangrado sobre as pedras – pedras agora reduzidas a quase nada, transformadas em algo que se assemelhava a papel.

Uma ruptura na muralha era iminente.

E, o pior, a horda de Lordes Demônios ainda estava lá. Eles eram enormes, todos eles, pelo menos com dois metros, corpos tão grandes que mesmo Geryon, enorme como era, não seria capaz de esticar os braços o suficiente para medi-los. Seus esqueletos eram visíveis abaixo da pele translúcida. Alguns tinham asas, algumas escamas, e todos eram grotescos em sua maldade. Tinham olhos vermelhos, chifres como os de Geryon e dedos como facas.

– Kadence – urgiu ele.

– Eu estou tentando, Geryon, juro que eu estou. – Cada palavra soava mais suave conforme ela perdia suas forças. – Mas...

Uma daquelas coisas... percebeu que estavam ali. Riu, produzindo um som que eriçou todos os pelos do corpo de Geryon.

– Agora – gritou para Kadence. *Por favor.*

– Parem, demônios. Eu exijo que vocês fiquem imóveis.

Eles não atenderam à ordem.

– Tente novamente.

– Ah... – Ela ergueu os olhos, encarando-os. Nada. Apontou as mãos para eles, e nada. Exigiu com toda a força de seu desejo, mas ainda assim nada aconteceu. Os Lordes não foram imobilizados. – Eu não consigo... – disse ela, ofegante.

– O que há de errado? – Geryon manteve seus olhos sobre ela, adiantando-se para pegá-la, tomando-a em seus braços. Ela estava tão pálida quanto estivera na taverna, e seu tremor retornara. Se não estivesse com o braço em torno dela, Geryon sabia, ela teria caído. – Fale comigo, querida.

Ele observou que os demônios haviam se aglomerado, assistindo à cena. Rindo. Estariam imaginando como o matariam?

– Estou ligada a você e à muralha. Posso sentir sua força, assim como posso sentir a fraqueza dela, e isso está me consumindo – disse ela entre soluços. – Perdoe-me. Sinto muito. Tudo o que fizemos foi para nada, Geryon. Nada. Eu estava fadada ao fracasso. Fadada ao fracasso desde o início!

– Não, não, nunca diga isso. Temos um ao outro. – Mas por quanto tempo? Mesmo enquanto falavam, ela continuava a empalidecer. – Não vou deixá-la morrer.

– Nada pode ser feito.

Lentamente, os demônios avançavam na direção deles, sem tirar os olhos de suas presas, irradiando um contentamento faminto.

– Vou matá-los a todos. E vamos conseguir escapar. Nós vamos...

– Você é a melhor coisa que já me aconteceu – disse ela com a voz por um fio, fraca, deitando seu rosto no impressionante corpo de Geryon.

– Eu a proíbo de falar assim, Kadence. – Dizer adeus. Pois isso era o que ela estava fazendo, ele sabia.

– Mate-os e fuja, assim como você planejou. Viva em paz e em liberdade, meu amor. Você merece ambas as sortes em sua vida.

Não... não!

– Você não vai morrer. – Mas, assim que ele disse essas palavras, a muralha, tão danificada, começou a rachar, a ruir, e um buraco começou a se abrir, alargando-se. – Jure para mim que você não vai morrer.

Os joelhos de Kadence finalmente fraquejaram, e ele se virou, rugindo, deitando-a no chão. Os olhos dela estavam fechados.

– Sinto muito. Meu amor.

– Não. Você vai viver. Você me ouve? Você vai viver!

A cabeça dela pendeu para o lado. Então, nada.

– Kadence. – Ele a sacudiu. – Kadence!

Nenhuma resposta. O peito dela subiu e desceu mais uma vez. Ela ainda vivia. *Obrigado, deuses! Obrigado, deuses! Obrigado, deuses.*

– Diga-me como ajudá-la, Kadence. Por favor.

Mais uma vez, nada.

– Por favor.

Lágrimas queimaram seus olhos. Ele não havia chorado ao ser abandonado por sua primeira esposa, não chorara pela vida que tinha perdido, mas lançou aos céus seus lamentos por essa mulher. *Eu preciso de você.* Ela queria que ele impedisse os demônios de deixarem esse reino e que, em seguida, fosse embora dali, mas Geryon não conseguia deixá-la, sair de seu lado.

Sem ela, ele não tinha nenhuma razão para seguir em frente.

Algo afiado correu por sua nuca, e ele virou a cabeça. Os Lordes pairavam em torno deles, gargalhando com alegria.

– Deixe-nos – rosnou ele. Ele a manteria em seus braços pelo tempo que fosse necessário, até ter certeza de que era seguro movê-la.

– Mate-a – suplicou um demônio.

– Destrua-a.

– Acabe com ela.

– Tarde demais. Ela se foi.

Mais risos.

Bastardos! Um deles se aproximou e passou uma garra sobre o rosto dela antes mesmo que Geryon pudesse esboçar alguma reação. Ela não reagiu. Mas ele o fez. Rugiu com tanta fúria que o som ecoou em suas orelhas.

Os demônios sentiram o começo do desprendimento da força vital de Kadence e se agitaram, extasiados. Em seguida, houve um momento de silêncio absoluto e, então, tranquilidade. A calma antes da tempestade. Um segundo depois, atacaram em frenesi.

Geryon rugiu novamente, atirando-se sobre Kadence para absorver os golpes do ataque que viria. Em poucos segundos suas costas estavam retalhadas. Um de seus chifres pendia frouxo, e um de seus tendões havia se rompido. Ele deu um golpe, então, esperando castigar alguns deles com seu veneno, mas apenas um não conseguiu evitar a investida.

E as gargalhadas zombeteiras continuavam soando sem parar.

– Eu amo você – sussurrou Kadence, de repente, na orelha dele. – Seu grito... resgatou-me... da escuridão. Eu precisava lhe dizer.

Ela havia despertado? Seus músculos se contraíram com o choque e o alívio.

– Eu amo você. Fique comigo. Não me deixe. Por favor. Se você conseguir ficar desperta apenas o tempo suficiente para se defender, eu conseguirei matá-los. Nós poderemos, então, sair daqui.

– Desculpe-me. Não consigo.

Então ele precisava encontrar uma maneira de salvá-la e de continuar protegendo-a. Jamais a teria trazido de volta ao inferno se soubesse que isso poderia acontecer. Teria passado o resto de sua existência imortal junto àquele portão, lutando para protegê-lo. E para protegê-la, também.

Espere um pouco. Lutando para proteger... Aqueles demônios queriam ir embora dali. Ora, estavam lá para isso.

– Vão! – gritou Geryon para eles. – Abandonem este lugar. O reino mortal lhes pertence! – Ele não se importava mais. Somente Kadence importava.

Como se simplesmente estivesse esperando por sua permissão, a muralha terminou de ceder completamente. O que significava...

– Não! – gritou ele. – Eu não quis dizer que você poderia entrar em colapso. Eu só queria que os demônios passassem!

Mas era tarde demais; o estrago estava feito.

Alegremente, os Lordes Demônios os abandonaram, flutuando para dentro da caverna e, em seguida, desaparecendo de vista.

Uma nova torrente de lágrimas queimou os olhos de Geryon quando ele tomou Kadence mais uma vez em seus braços cobertos de sangue.

– Diga-me que a muralha já não importa. Diga-me agora que eu posso levá-la para a segurança. Que podemos ficar juntos.

– Adeus, meu amor – disse ela, e morreu em seus braços.

Capítulo 20

ELA ESTAVA MORTA. Kadence estava morta. E não havia o que ele pudesse fazer para salvá-la. Geryon estava tão certo disso quanto estava de sua própria respiração. Respiração que odiava, que lhe seria dolorosa. Aquelas lágrimas pungentes corriam por seu rosto, lembretes motejadores de que ele estava vivo, e que ela, não.

Falhei com ela. Maldito seja, falhei com ela!

Kadence pedira sua ajuda para salvar a muralha, para salvar a si mesma. Queria sua ajuda para manter os Lordes Demônios encerrados no inferno, mas ele falhara com ela de todas as formas. Falhara, falhara, falhara.

– Eu sinto muito, Geryon.

Ao ouvir novamente o som da voz dela, ele piscou. O que estav... – Bem debaixo de seus olhos, o espírito dela começou a ascender, deixando seu corpo imóvel. Ela estava... ela estava... Uma nota de esperança reverberou dentro de seu peito. Esperança, alegria e choque.

Ele não havia realmente perdido Kadence, afinal!

Seu corpo havia sido destruído, mas seu espírito iria viver.

Claro. Ele deveria ter imaginado. Encontrava-se com tais espíritos todos os dias, apesar de nenhum deles ser tão puro e vibrante quanto o dela. Eles ainda poderiam ficar juntos.

Geryon ficou em pé, de frente para ela, sentindo seu coração bater loucamente, as pernas tremendo. Ela sorriu tristemente para ele.

– Eu sinto muito – repetiu Kadence. – Eu não deveria ter me ligado a você. Nunca deveria ter pedido a sua ajuda.

– Por quê? – Quando ele havia se sentido mais feliz? Ela estava ali, com ele. – Você não tem nada do que se desculpar, querida. Fui eu que falhei com você.

– Jamais diga uma coisa dessas. Se você tivesse ficado junto ao portão, que era o que você desejava, nada disso teria acontecido.

– Não, não é assim. Os demônios teriam destroçado a muralha e matado você, mas eu não teria a oportunidade, não, eu não teria o prazer, de conhecê-la, de ficar com você. Não posso lamentar o que aconteceu. – Não, não mais. Não com o espírito dela bem ali na sua frente.

– Geryon...

– O que vai acontecer com os demônios? – perguntou ele, interrompendo-a. Geryon não permitiria que ela continuasse a lamentar seus supostos erros. Ela não cometera erro algum.

– Eu suponho que os deuses irão tentar reuni-los, amaldiçoando a mim e ao meu fracasso por toda a eternidade.

Geryon balançou a cabeça.

– Você não é um fracasso, amor. Você fez tudo ao seu alcance para detê-los. A maioria sequer passaria pelos portões. – Ele inclinou a cabeça enquanto a observava mais atentamente. Ela estava mais linda do que nunca, como o sopro de um sonho de sua forma anterior. Brilhante, translúcida, frágil. Ainda assim, lá estavam os cachos dourados. E ela ainda o encarava com seus olhos faiscantes.

Antes dela, sua vida tinha sido um imenso nada. Um único momento sem ela teria sido... bem, um inferno.

– Obrigada, meu doce Geryon. Mas, mesmo que a muralha seja reparada, mesmo que os demônios sejam, de alguma forma, capturados, temo que os deuses não sejam capazes de mantê-los aqui. – Ela suspirou. – Eles agora provaram o sabor da liberdade. Lutarão eternamente para escapar.

– Os deuses vão encontrar uma maneira – garantiu ele. – Eles sempre fazem isso.

Geryon estendeu a mão para abraçá-la, mas sua mão a atravessou e ele franziu a testa, sentindo que um pouco de sua alegria se esvaía. Tocá-la era uma necessidade; não sabia se seria capaz de viver sem seu calor, sua suavidade.

Mas seria melhor viver sem seu toque e seu calor do que sem ela.

– Você entende agora – disse ela naquele tom triste. – Nunca mais poderemos estar juntos. Não realmente.

– Eu não me importo.

– Mas eu me importo. – As lágrimas encheram seus olhos. – Depois de tudo o que você sofreu, merece mais. Muito mais.

– Eu só quero você.

Kadence continuou a falar como se não o tivesse ouvido.

– Vou deixá-lo e vagar pela Terra sozinha. – Ela assentiu com gravidade. As lágrimas represadas correram livremente por seu rosto. – Sei que deuses e deusas estão autorizados a escolher onde desejam residir em sua vida após a morte, mas não tenho nenhum desejo de voltar ao céu ou de ficar no inferno.

Enquanto ela falava, uma ideia se formou na mente dele. Uma ideia maluca que, em vez de descartar, Geryon permitiu que formasse raízes.

Você realmente vai fazer isso?

Ele olhou para ela novamente, seus olhares colidindo, e pensou: *Sim. Eu realmente vou fazer isso.*

– Quando me uni a você, Kadence, foi para sempre e pela eternidade. Não desistirei de você agora.

– Mas você jamais poderá me tocar novamente. Você jamais...

– Ah, sim, eu farei isso. Juro. – E, com essas palavras, Geryon afundou suas próprias garras envenenadas em seu peito, sentindo o veneno queimá-lo, bolhas dolorosas se formando, escaldantes. Ele gritou de desespero, a escuridão tomando seus olhos.

Ele estava... morrendo...

Quando a dor diminuiu, a escuridão foi encolhendo. Ele era nada. Um espaço vazio.

Não, não é verdade. Havia uma luz. Uma luz brilhante. Geryon correu na direção dela, ofegando, quilômetro após quilômetro, quase... lá...

Suas pálpebras se abriram e ele viu o que havia sido seu corpo, uma pilha de cinzas, seu espírito flutuando ao lado Kadence. Ela estava de olhos arregalados, sua boca, aberta.

Por muitas vezes, ao longo dos séculos, ele havia considerado tomar tal atitude. Qualquer coisa para acabar com a monotonia de sua existência. Mas agarrara-se à vida, por Kadence. Para vê-la, para imaginar a si mesmo acariciando-a, esperando por uma chance.

Agora, essa chance era uma realidade.

– Você é... Geryon... você é o mesmo.

Ele observou seu próprio corpo. Lá estavam suas garras, seus pelos, seus cascos.

– Você está desapontada?

– Não. Estou muito feliz! Amo você exatamente como você é e não desejo que mude. Jamais. Mas você não devia ter desistido de sua vida por mim – balbuciou ela em meio às lágrimas, com um sorriso que não podia esconder.

– Agora também sou livre – disse ele. – Verdadeiramente livre. Para estar com você. E eu morreria mais uma vez para obter o mesmo resultado. – Ele a puxou para seus braços sorrindo, porque podia sentir o corpo dela contra o seu novamente. Ela não era tão quente quanto antes, e uma frieza residia em ambos agora, mas ele a tinha em seus braços. Poderia lidar com o resto.

– Você é tudo para mim, meu amor. Estou perdido sem você.

– Eu o amo tanto – disse ela, cobrindo o rosto dele de beijinhos. – Mas o que vamos fazer agora?

– Viver. Finalmente, vamos viver.

E foi o que fizeram.

QUANDO OS DEUSES PERCEBERAM que a muralha entre a Terra e o Inferno tinha sido aniquilada por uma horda de Lordes Demônios, que agora circulavam livremente, enviaram um exército imortal para reparar os danos, mas ninguém foi capaz de capturar os demônios. E, mesmo se fossem capturados, os deuses sabiam que os encarcerar novamente no inferno seria apenas convidar outra rebelião a se formar e explodir.

Alguma coisa tinha de ser feita.

Ainda que a barreira de pedra tivesse caído, o corpo da deusa da Opressão continuava ligado à muralha do inferno. Assim sendo, os deuses reconstruíram a muralha e, em seguida, criaram uma prisão do tamanho de uma caixa, a partir de ossos de Kadence, confiante de que os poderes que ela havia sentido despertar em seu interior, horas antes de sua morte, ainda residiam profundamente entranhados em sua medula.

Eles estavam certos.

Uma vez aberta, a caixa atraiu os demônios de seus esconderijos, mantendo-os em cativeiro de uma maneira que nem mesmo o inferno tinha sido capaz de fazer.

Claro, os deuses ficaram satisfeitos com sua conquista e entregaram a caixa à Pandora, a mais poderosa das guerreiras de seu tempo, para que a protegesse.

Mas essa é uma história para outra ocasião.

Confira um trecho de
***A noite mais sombria*, lançamento de março da HarperCollins**
Brasil.

AUTORA BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

Gena Showalter

DEMÔNIOS LIBERTADOS DA CAIXA DE PANDORA.
IMORTAIS EXILADOS PELOS DEUSES EM FÚRIA.
A BUSCA PELO ARTEFATO DA REDENÇÃO.

"Existe autora tão
maravilhosa
quanto Gena
Showalter?"

Crazy Eyes,
Orange is the New Black

A Noite mais sombria

 Harper
Collins

Capítulo Um

TODA NOITE. a morte chegava, lenta e dolorosamente, e toda manhã Maddox acordava na cama sabendo que, mais tarde, teria que morrer outra vez. Esta era sua maior maldição e seu castigo eterno..

Ele passou a língua pelos dentes, desejando que fosse, na verdade, uma lâmina cortando o pescoço de seu inimigo. A maior parte do dia já se passara. Ele ouviu o tempo escoar com um tique-taque hostil em sua mente, e cada batida do relógio parecia zombar dele ao lembrar-lhe da mortalidade e da dor.

Em pouco mais de uma hora, ele sentiria a primeira pontada no estômago e não haveria nada que pudesse fazer nem dizer para mudar isto. A morte *chegaria*.

– Malditos deuses – ele murmurou, aumentando a velocidade do exercício de supino que estava fazendo.

– São todos uns desgraçados – disse uma conhecida voz masculina às suas costas.

Maddox não desacelerou os movimentos por causa da indesejada intromissão de Torin. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Por duas horas, ele descontara sua frustração e sua raiva no saco de pancadas, na esteira ergométrica e, agora, com os pesos. O suor escorria pelos braços e peito nus, passeando pelos nós dos músculos, formando pequenos regatos. Ele devia estar tão exausto mentalmente quanto fisicamente, mas suas emoções só ficavam mais soturnas e intensas.

– Você não devia estar aqui – ele disse.

Torin suspirou.

– Olhe, não quis interromper, mas algo aconteceu.

– Então, resolva.

– Não posso.

– Seja o que for, tente. Não estou em condições de ajudar. – Naquelas últimas semanas, faltara muito pouco para que ele entrasse em um frenesi assassino, durante o qual ninguém à sua volta estaria seguro. Nem seus próprios amigos. *Especialmente* seus próprios amigos. Ele não queria fazer isso, teve essa intenção, mas, às vezes, era incapaz de dominar o próprio ímpeto de destruir e arrebentar a tudo e a todos.

– Maddox...

– Estou no limite, Torin – resmungou. – Vou causar mais danos do que ajudar.

Maddox conhecia as próprias limitações havia milhares de anos. Desde aquele maldito dia em que os deuses haviam escolhido uma mulher para desempenhar o papel que deveria ser dele.

Pandora era forte, sim, a mais forte guerreira de sua época. Porém ele era mais forte. Mais capaz. Todavia, foi considerado fraco demais para guardar *dimOuniak*, uma caixa sagrada que continha demônios tão infames e destrutivos que nem mesmo no Inferno se confiaria neles.

Maddox jamais teria permitido que a caixa fosse destruída. Aquela afronta fez brotar uma frustração dentro dele e de cada guerreiro que ali vivia. Eles haviam lutado diligentemente pelo rei dos deuses, matado com habilidade e garantido plena proteção; deviam ter sido escolhidos como guardas. E o fato de não terem sido era um constrangimento que não seria tolerado.

Eles só haviam desejado dar uma lição nos deuses na noite em que tinham roubado *dimOuniak* de Pandora e libertado aquela horda de demônios no mundo, que estava alheio a tudo aquilo. Como tinham sido idiotas. Seu plano para provar seu poder fora um fiasco, pois a caixa acabara sumindo em meio à briga, o que deixara os guerreiros incapazes de recapturar um único espírito maligno sequer.

Logo reinaram a destruição e o caos, e o mundo fora lançado na escuridão até o rei dos deuses finalmente intervir, lançando sobre os guerreiros uma maldição: cada um deles teria que abrigar um demônio *dentro de si*.

Um castigo adequado. Os guerreiros haviam libertado o mal para vingar seu orgulho pungente; agora, eles o conteriam.

Assim, nasciam os Senhores do Mundo Subterrâneo.

Maddox recebera Violência, o demônio que agora era tão parte dele quanto seus pulmões ou seu coração. Agora, o homem não conseguia mais viver sem o demônio, e o demônio não conseguia mais agir sem o homem. Eles estavam entrelaçados, duas metades de um todo.

Desde o começo, a criatura dentro dele o incitara a fazer maldades, coisas detestáveis, e ele era forçado a obedecer. Mesmo quando levado a matar uma mulher... a matar Pandora. Seus dedos se fecharam com tanta força na barra que as juntas quase se deslocaram. Ao longo dos anos, ele aprendera a controlar algumas das compulsões mais cruéis do demônio, mas era uma luta constante, e ele sabia que podia ceder a qualquer momento.

O que ele não daria por apenas um dia de tranquilidade. Sem o irresistível desejo de ferir as pessoas. Sem batalhas internas. Sem preocupações. Sem morte. Só... paz.

– Aqui não é seguro para você – ele disse ao amigo, que ainda estava parado à porta. – Você precisa ir embora. – Ele pôs a barra prateada no descanso e se sentou. – Apenas Lucien e Reyes têm permissão para ficar perto de mim enquanto morro. – E somente porque eles haviam feito parte daquilo, mesmo involuntariamente. A impotência deles em relação aos seus demônios era a mesma de Maddox em relação ao que trazia dentro de si.

– Falta cerca de uma hora até acontecer, então... – Torin lhe jogou um pano. – Vou arriscar.

Maddox pegou o pano branco atrás de si e se virou. Enxugou o rosto.

– Água.

Uma garrafa de água praticamente congelada foi pairando pelo ar antes que a segunda sílaba saísse de sua boca. Ele a pegou com habilidade, a umidade respingando em seu peito. Bebeu o líquido refrescante e olhou atentamente para o amigo.

Como de costume, Torin estava todo de preto, e suas mãos estavam cobertas por luvas. Os cabelos pálidos caíam em ondas até os ombros, emoldurando um rosto que as mulheres mortais consideravam um verdadeiro banquete de sensualidade. Elas não sabiam que, na verdade, ele era um diabo em pele de anjo. Mas deveriam saber. Ele praticamente cintilava de tanta irreverência, e havia um brilho profano em seus olhos verdes que indicava que ele era do tipo capaz de rir na sua cara enquanto lhe arrancasse o coração do peito. Ou de rir na sua cara enquanto você arrancasse o coração *dele*.

Para sobreviver, ele precisava encarar as coisas com humor, sempre que possível. Todos eles precisavam.

Como os demais moradores daquela fortaleza em Budapeste, Torin era amaldiçoado. Ele podia não morrer todas as noites como Maddox, mas jamais poderia tocar nenhum ser vivo, pele a pele, sem infectá-lo com a doença.

Torin era possuído pelo espírito da Doença.

Ele não sabia o que era ser tocado por uma mulher havia mais de 400 anos. Aprendera bem a lição quando cedera à luxúria e acariciara o rosto de uma possível amante, causando uma praga que dizimara um povoado após o outro. Um ser humano após o outro.

– Cinco minutos de seu tempo – Torin disse, deixando clara sua determinação. – É só o que peço.

– Acha que seremos castigados por insultarmos os deuses hoje? – replicou Maddox, ignorando o pedido. Se ele não desse abertura para lhe pedirem favores, não teria de se sentir culpado por ter de negá-los.

Seu amigo soltou outro daqueles suspiros.

– A nossa própria vida já deveria ser um castigo.

Era verdade. Os lábios de Maddox formaram lentamente um sorriso rasgado enquanto olhava para o teto. *Desgraçados. Eu os desafio a me castigarem mais.* Talvez assim ele finalmente desaparecesse em meio ao nada.

Entretanto, duvidava que os deuses fossem se preocupar com isto. Depois de lhe lançarem uma maldição mortal, eles o ignoraram, fingindo não ouvir seus pedidos de perdão e clemência. Fingindo não ouvir suas promessas e barganhas desesperadas.

O que mais poderiam lhe fazer, afinal?

Nada poderia ser pior do que morrer repetidamente. Ou ser despojado de tudo o que era bom e certo... ou hospedar o espírito da Violência dentro de seu corpo e mente.

Maddox se levantou de um pulo e jogou o pano agora molhado e a garrafa d'água vazia no cesto mais próximo. Foi até o outro lado do cômodo a passos largos e entrelaçou os dedos acima da cabeça, inclinando-se para dentro da alcova semicircular com janelas de vitrais e observando a noite através da única parte de vidro transparente.

Ele viu o paraíso.

Ele viu o inferno.

Ele viu liberdade, prisão, tudo e nada.

Ele viu... seu lar.

Do alto de uma colina imponente, como aquela na qual ficava a fortaleza, era possível ter uma visão direta da cidade. As luzes cintilavam vivamente, rosadas, azuladas e purpúreas, iluminando o sombrio céu aveludado, cintilando no rio Danúbio e emoldurando as árvores cobertas de neve que dominavam a área. O vento soprava forte, flocos de neve dançavam e giravam no ar.

Ali, ele e os outros tinham um pouquinho de privacidade do resto do mundo. Ali, podiam ir e vir sem ter de encarar um bombardeio de perguntas. *Por que você não envelhece? Por que se ouvem gritos ecoando pela floresta todas as noites? Por que você, às vezes, parece um monstro?*

Dali, o povo local mantinha distância, por temor e respeito.

“Anjos”, ele chegara a ouvir sussurrarem durante um raro encontro com um mortal.

Se eles soubessem...

As unhas de Maddox se alongaram ligeiramente, cravando-se na pedra. Budapeste era um lugar de majestosa beleza, com o charme do Velho Mundo e os prazeres da vida moderna, mas ele sempre se sentia deslocado. Desde a rua do distrito do castelo até os clubes noturnos na rua seguinte. Das frutas e legumes expostos à venda em uma ruela à carne viva exposta à venda em outra.

Talvez aquela sensação de deslocamento desaparecesse se ele, um dia, saísse para explorar a cidade, mas, ao contrário dos outros, que saíam vagando quando tinham vontade, ele estava preso dentro da fortaleza e seu entorno do mesmo jeito que Violência estivera aprisionado na caixa de Pandora milhares de anos antes.

Suas unhas se alongaram mais, estavam já quase como garras. Pensar na caixa sempre lhe piorava o humor. *Soque uma parede*, incitou Violência. *Destrua alguma coisa. Machuque. Mate*. Ele adoraria destruir os deuses. Um por um. Decapitá-los, talvez. Arrancar-lhes os corações negros e podres, de uma vez por todas.

O demônio rugiu em aprovação.

Claro que ele está rugindo agora, Maddox pensou, enojado. Qualquer coisa com sede de sangue, a despeito das vítimas, teria o apoio daquela criatura. Com um esgar, ele lançou outro olhar revoltado para os céus. Ele e o demônio haviam sido unidos muito tempo atrás, mas ele se lembrava claramente daquele dia. Os gritos dos inocentes em seus ouvidos, humanos sangrando ao seu redor, sentindo dor, morrendo, tendo sua carne devorada pelos demônios num frenesi arrebatador.

Ele só perdera contato com a realidade quando Violência fora posto dentro de seu corpo. Não houvera som algum, nem nada à vista. Apenas uma escuridão que a tudo consumia. Ele só recobrou os sentidos quando o sangue de Pandora já lhe cobria o peito, a tempo de ouvir sua última respiração em seus ouvidos.

Ela não havia sido sua primeira nem sua última morte, mas fora a primeira e única mulher que conhecera sua espada. O horror de ver aquela mulher, outrora vibrante, agora derrubada, e saber que era ele o responsável... jamais conseguira abrandar sua culpa e seu arrependimento. Sua vergonha e sua tristeza.

Ele havia jurado fazer o que fosse necessário para controlar o espírito a partir de então, mas já era tarde demais. Ainda mais furioso, Zeus lhe lançou uma segunda maldição: toda noite, à meia-noite, ele morreria exatamente como Pandora morrera, com uma lâmina lhe atravessando o abdômen por seis diabólicas vezes. A única diferença era que o tormento dela terminara rapidamente.

O tormento *dele* duraria por toda a eternidade.

Ele estalou o maxilar, tentando relaxar e resistir a um novo ataque de agressividade. Não que ele fosse o único a sofrer, procurou lembrar. Os outros guerreiros tinham seus próprios demônios, literal e figuradamente. Claro, Torin era o guardião da Doença. Lucien, o guardião da Morte. Reyes, da Dor. Aeron, da Ira. Paris, da Luxúria.

Por que *ele* não recebera aquele último demônio? Assim, poderia continuar a ir à cidade sempre que quisesse, tomar a mulher que desejasse, saborear cada som, cada toque.

Em sua condição, ele jamais poderia se aventurar para muito longe. Nem podia ficar perto de mulher nenhuma por longos períodos. Se o demônio assumisse o controle, ou se ele não conseguisse voltar para casa antes da meia-noite e alguém encontrasse seu corpo morto e ensanguentado, e o enterrasse... Ou, pior ainda, o cremasse...

Como ele queria que algo assim pusesse um fim à sua triste existência! Ele já teria partido há muito tempo para se deixar torrar em um buraco. Ou talvez tivesse pulado da janela mais alta da fortaleza para quebrar o crânio e esmagar o cérebro. Mas não. Apesar do que fizesse, apenas acordaria novamente, queimado e dolorido. Quebrado e destruído.

Título original: THE DARKEST FIRE

Copyright © 2008 by Gena Showalter
Originalmente publicado em 2008 por HQN Books Internet Titles

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, eventos ou locais é uma coincidência.

ISBN: 978-85-398-2145-7

Arte-final de capa:
Ô de Casa

Produção de eBook: Ranna Studio

"MEB"

Contatos:
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/831

Capa

Texto de capa

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Confira um trecho de A noite mais sombria

Créditos